EPIDEMIAS NA ANTIGUIDADE I:
JUDEUS, GREGOS E ROMANOS

Epidemis_miolo.indd 1 23/09/20 15:57

Epidemis_miolo.indd 2 23/09/20 15:57

Brian Kibuuka

EPIDEMIAS NA ANTIGUIDADE I:
JUDEUS, GREGOS E ROMANOS

Fonte editorial

NINA SIMONE
Grupo de Pesquisa - História/ UEFS

NINA ANTIQUA
NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO DA ANTIGUIDADE

Epidemis_miolo.indd 3 23/09/20 15:57

© FONTE EDITORIAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Kibuuka, Brian
Epidemias na Antiguidade I - Judeus, gregos e romanos. Brian Kibuuka.
São Paulo. 2020. Fonte Editorial
1. Epidemias 2. História Antiga 3. Doenças e Pragas

I. Título
ISBN 978-
I. TÍTULO

CDD 18a edição

Preparação: Eduardo de Proença
Revisão: Consuelo Rodrigues
Capa: Eduardo de Proença

Editor Responsável:
Eduardo de Proença

Conselho Editorial:
Profa. Dra. Sandra Duarte de Souza
Universidade Metodista de S.Paulo (UMESP)
Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi
PUC-PR
Profa. Dra. Elaine Sartorelli
Universidade de São Paulo - USP
Prof. Dr. Frederico Pieper
Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof. Dr. Andrés Torres Queiruga
Universidade de Santiago de Compostela
Prof. Dr. Helmut Renders
Universidade Metodista de S.Paulo (UMESP)
Prof. Dr. Ricardo Quadros Gouvêa
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Ronaldo de Paula Cavalcante
Faculdade Unida

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico e mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa da editora. (Lei nº 9.610 de 19.2.1998)

Todos os direitos reservados à

FONTE EDITORIAL
Rua Barão de Itapetininga, 140 – Loja 4
Cep 01042-000 – São Paulo, SP
Tel.: (11) 3151-4252
E-mail: nseculo@brasilsite.com.br
www.fonteeditorial.com.br

Sumário

Apresentação 7

Capítulo I: As Dez Pragas do Egito 9
Capítulo II: A Peste dos Filisteus 23
Capítulo III: A Ilíada e a Peste dos Aqueus 33
Capítulo IV: A Peste de Xerxes 53
Capítulo V: Epidemia de Caxumba de Tassos (410 a.C.) ... 73
Capítulo VI: A Peste de Roma (436-433 a.C.) 79

Epidemis_miolo.indd 5 23/09/20 15:57

Epidemis_miolo.indd 6 23/09/20 15:57

Apresentação

Este é o primeiro de dois volumes dedicados à história das epidemias.

Este volume aborda as imagens e representações das doenças que atingem, como surtos ou epidemias, os judeus, gregos e romanos.

Os dois primeiros capítulos dizem respeito às epidemias relatadas na Bíblia Hebraica. O primeiro capítulo aborda as dez pragas do Egito, mencionada na Bíblia Hebraica no livro de Êxodo. O segundo capítulo aborda a praga que atingiu os filisteus, mencionada na Bíblia Hebraica no livro de I Samuel.

Os três capítulos que seguem mencionam imagens e representações de epidemias em textos gregos. O capítulo III aborda a peste que atinge os aqueus, mencionada na Ilíada de Homero. O capítulo IV menciona a peste que atingiu o exército de Xerxes em fuga, citada em Histórias de Heródoto. O capítulo V diz respeito à epidemia de caxumba ocorrida em Tassos, mencionada por Hipócrates.

O último capítulo cita episódios epidêmicos ocorridos em Roma, citados em *Ab Urbe Condita* de Tito Lívio.

A importância da investigação das imagens e representações das epidemias, surtos e pandemias na Antiguidade diz res-

peito à consideração, na pesquisa, dos fatores culturais e sociais, os quais precisam ser considerados na análise de doenças que atingem sociedades tanto quanto os fatores médicos e biológicos. Afinal, se as explicações sobre os meios de transmissão, períodos de incubação, identificação dos patógenos, sintomatologias e tratamentos são importantes, também o são as ações e reações diante das enfermidades. E tais podem ser compreendidas por meio do estudo do imaginário relacionado a episódios epidêmicos. Portanto, este livro visa elucidar, a partir de textos da Antiguidade, os dados desse imaginário, a saber: as imagens e representações das epidemias.

Agradecemos à editora Fonte Editorial pelo incentivo na publicação deste livro, em especial seu editor. E também agradecemos aos mais de 800 alunos do curso "O Passado das Epidemias", ministrado por nós na Universidade Estadual de Feira de Santana, que foi a ocasião de desenvolvimento e aperfeiçoamento dos textos que seguem.

São Paulo, 12 de maio de 2020.

Brian Kibuuka

Capítulo I
As Dez Pragas do Egito

וַיֹּאמֶר יְהוָה אֶל־מֹשֶׁה עַד־אָנָה יְנַאֲצַנִי הָעָם הַזֶּה
וְעַד־אָנָה לֹא־יַאֲמִינוּ בִי בְּכֹל הָאֹתוֹת אֲשֶׁר
עָשִׂיתִי בְּקִרְבּוֹ׃
אַכֶּנּוּ בַדֶּבֶר וְאוֹרִשֶׁנּוּ
וְאֶעֱשֶׂה אֹתְךָ לְגוֹי־גָּדוֹל וְעָצוּם מִמֶּנּוּ׃

Disse Yahweh a Moisés: Até quando este povo me desprezará?
Até quando não crerão em mim, apesar de todos os prodígios
que tenho feito no meio deles?
Eu os ferirei com uma epidemia, e os deserdarei,
e de ti farei uma nação maior e mais forte do que eles.
(Números 14.11-12)

Antes das pragas, lugares e tempos: o quadro histórico da narrativa do Êxodo

O livro de Êxodo afirma que setenta pessoas aproximadamente desceram ao Egito com Jacó (Êxodo 1.5; compare com Gênesis 46.27, Deuteronômio 10.22). Depois de 4 gerações, essas setenta pessoas se tornaram uma grande multidão, e a narrativa informa que os israelitas viviam no Egito, uma terra estrangeira.

O livro de Êxodo informa que desde o tempo de José, primeiro israelita que migrou e se instalou no Egito, até o tempo compreendido pela narrativa, o quadro político egípcio mudou profundamente. O faraó que governava "nada sabia a respeito de José" (Êxodo 1.8), adotando uma atitude desfavorável com os hebreus. A razão, o relato bíblico indica: ele tinha medo do israelitas, porque eles eram numerosos e fortes (Êxodo 1.9-10). O pano de fundo político é, portanto, o contexto da adoção de

medidas protetivas contra um povo que ocupava o território egípcio e colocava em risco a autoridade do governante.

Não se pode perder de vista que o relato de Êxodo é produzido a partir de um olhar israelita. Não logrará êxito aquele que procurar na documentação egípcia uma confissão do medo do faraó contra os israelitas. O que há, porém, é a alusão aos israelitas na estela de Merneptah (imagem 1), quarto faraó da décima nona dinastia (1213-1203 a.C.), cuja campanha em Canaã deixa como legado a primeira (e única) referência a Israel no Egito Antigo, uma das quatro referências conhecidas (as outras são a Estela de Mesha, a Estela de Tel Dan e o monólito de Kurkh). Nem ao menos o determinante de cidade, utilizado na estela para Asquelom, Gézer e Yanoam, são utilizados para o vocábulo *'ysrir*, cujos determinantes são de estrangeiros e pessoas. O medo dos egípcios contra esse "povo" fez com que eles sujeitassem os hebreus a trabalhos forçados.



Imagem 1: Estela de Merneptah.

A tentativa de identificar os eventos que acometeram os israelitas no Egito entre a décima-oitava dinastia egípcia, durante o reinado de Tutmés IV; e a décima-nona dinastia, nos reinados de Seti I, Ramsés II e seu sucessor Merneptah, é inconclusiva e alvo de controvérsia. De fato, a libertação do povo de Israel do Egito não está documentada em nenhum texto antigo conhecido, o que dificulta a datação.

O que dizem as análises literárias?

Análises literárias indicam que a segunda cronologia, chamada de breve, que localiza um êxodo (ainda que parcial) na dé-

cima-nona dinastia, parece adequada às referências dadas com o próprio texto. Em tal hipótese, o faraó que governava é Ramsés II (1290-1224 a.C.). Corrobora com tal hipótese a menção às cidades de Pitom (Per-Atoum/Heróopolis – imagem 2) e Ramsés em Êxodo 1.11, no delta oriental do Nilo (*Wadi Tumilat*). Tais cidades são mencionadas em textos egípcios do século XIII a.C. A expressão *ʿārê miskənôt* [cidades-celeiros] com a qual são designadas essas localidades corresponde a uma terminologia militar. O termo alude a fortificações construídas provavelmente para enfrentar a ameaça hitita e proteger as fronteiras.

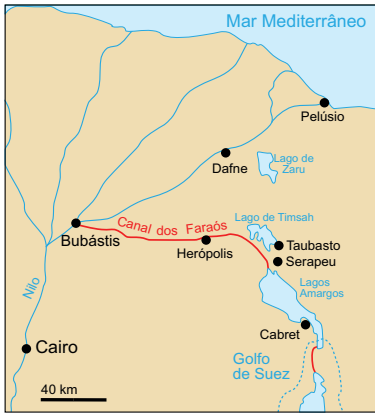


Imagem 2: Heróopolis, no Canal dos Faraós, entre Bubastis e Serapeu.

O antigo povo bíblico é chamado pela designação "israelitas". O termo "judeu" (e, por extensão, a designação "judaísmo") surge apenas nos últimos textos da Bíblia Hebraica e a sua aplicação para o período do êxodo é anacrônica. A designação é utilizada por estrangeiros para se referir aos israelitas em Êxodo é *ʿibrî* (hebreu) para se referir genericamente aos israelitas. O termo 'hebreu', eventualmente utilizado por estrangeiros ao se referirem aos israelitas (Gênesis 14.13; 39.14,17; 41.12; Êxodo 12.11; 21.2), é análogo ao vocábulo *ḫabiru* das cartas de El-Amarna (escritas ideograficamente como *sa.gaz*), ao termo ugarítico ʿprm [*ḫapiru*] e ao termo egípcio *ʿpr(w)*. O termo egípcio, em especial, designa um tipo de trabalhador estrangeiro.

Semelhante ao uso egípcio, o termo *ḫabiru*, que aparece em escritos na Babilônia, Mari, Nuzi e Alalakh (imagem 3), designa um grupo semi-estabelecido ocupado em deveres trabalhistas e militares. Por isso, o termo hebraico *ʿibrî* (hebreu) parece

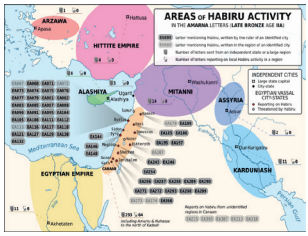


Imagem 3: Áreas de Atividade Habiru.

denotar primeiramente um grupo social, sendo usado apenas secundariamente para indicar o nome de uma nação. É designativo, portanto, de um grupo étnico fracamente conectado, que não pode ser simplesmente identificado com os israelitas, mas parece designar, inicialmente, o grupo mais amplo ao qual os israelitas pertenciam. Logo, parece haver em Êxodo alguma memória histórica que permite a consideração de diferenças étnicas e das condições sociais de eventuais israelitas no Egito. Ainda assim, cabe a análise da narrativa para aferir em que sentido as afirmações grandiloquentes do texto, que envolvem epifanias, pragas e o deslocamento de centenas de milhares de pessoas para o deserto, são históricas.

Dentro desse quadro, há o reconhecimento em Êxodo das distinções étnicas e das relações desiguais por causa da etnia. Também há uma teoria da lógica do poder, que enxerga assentamentos numerosos e poderosos como um risco que precisa ser controlado. Indica, além disso, deslocamentos populacionais. E entre a opressão e o deslocamento, está a epidemia – ela tem o poder de nivelar os poderosos e os escravos, tornando-os igualmente susceptíveis.

As pragas do Egito: contexto e estrutura literária (Êxodo 7.8-12.30)

O comportamento do Faraó no episódio das pragas do Egito é vacilante – ora ele liberta o povo de Israel para se deslocar para o deserto, local para onde os israelitas se deslocam com motivações religiosas; ora ele decide aumentar a opressão. Isso é explicado de duas maneiras diferentes na narrativa:

1) Yahweh endureceu o coração do rei do Egito em Êxodo 7.3;
2) O rei do Egito endureceu o próprio coração em Êxodo 8.11.

Diante da ambiguidade de faraó, Êxodo 7 a 12 narra uma série de "golpes" (o termo hebraico, *gā'îm*, significa "golpes") ou "pragas" (termo oferecido pela antiga tradução grega da Bíblia Hebraica, a *Septuaginta* [LXX]), terríveis calamidades que causam estragos na economia e na sociedade egípcia, destruindo sistematicamente os sistemas agrícolas e governamentais. Os pobres israelitas, porém, recolhidos em vilas de escravos, envolvidos em projetos de construção e isolados, ficam isentos de sofrimento.

Essa noção de um mundo em ebulição não está ausente na décima nona dinastia. O papiro de Ipuwer (Papiro Leiden I 344 *recto* – imagem 4), obra que contém as Admonições de Ipuwer, nome típico do período de 1850 a 1450 a.C., apresenta as reclamações do autor. O texto fala de um mundo em que mulheres desprovidas de bens, agora os tem; e de homens ricos que empobreceram; além do desrespeito à lei. A noção de um tempo de "golpes" que atingem o Egito não é inédita.



Imagem 4: Papiro Leiden I 344 *recto*.

Os "Golpes" de Yahweh na Bíblia Hebraica: a tradição dos Salmos

As alusões às pragas do Egito são constantemente feitas nas tradições de Israel, sob a forma de anamnese em contexto litúrgico (Salmos 78.44-52; 105.26-36). As citações, porém, apresentam variações na ordem das pragas, pois tal sequência não era crucial para o história:

Êxodo	Salmo 78	Salmo 105
Primeira praga: As águas se transformam em sangue (7.14-25)	44 e converteu em sangue os rios deles, para que das suas correntes não bebessem.	28 Enviou trevas, e tudo escureceu; e Moisés e Arão não foram rebeldes à sua palavra.
Segunda praga: A morte das rãs (8.1-15)	45 Enviou contra eles enxames de moscas que os devorassem	29 Transformou-lhes as águas em sangue e assim lhes fez morrer os peixes.
Terceira praga: Os piolhos (8.16-19)	45 e rãs que os destruíssem.	30 Sua terra produziu rãs em abundância, até nos aposentos dos reis.
Quarta praga: As moscas (8.20-32)	46 Entregou às larvas as suas colheitas e aos gafanhotos, o fruto do seu trabalho.	31 Ele falou, e vieram nuvens de moscas e piolhos em todo o seu país.
Quinta praga: A morte dos rebanhos (9.1-7)	47 Com chuvas de pedra lhes destruiu as vinhas e os seus sicômoros, com geada. 48 Entregou à saraiva o gado deles e aos raios, os seus rebanhos.	32 Por chuva deu-lhes saraiva e fogo chamejante, na sua terra. 33 Devastou-lhes os vinhedos e os figueirais e lhes quebrou as árvores dos seus limites.

Êxodo	Salmo 78	Salmo 105
Sexta praga: As úlceras (9.8-12)	[49] **Lançou contra eles o furor da sua ira: cólera, indignação e calamidade, legião de anjos portadores de males.** [50] **Deu livre curso à sua ira; não poupou da morte a alma deles, mas entregou-lhes a vida à pestilência.** [51] Feriu todos os primogênitos no Egito, as primícias da virilidade nas tendas de Cam.	[34] Ele falou, e vieram gafanhotos e saltões sem conta, [35] os quais devoraram toda a erva do país e comeram o fruto dos seus campos.
Sétima praga: Granizo, trovões e raios (9.13-35)		[36] Também feriu de morte a todos os primogênitos da sua terra, as primícias do seu vigor.
Oitava praga: Os gafanhotos (10.1-20)		
Nona praga: As trevas (10.21-29)		
Décima praga: A morte dos primogênitos (12.29-33)		

É possível conectar as pragas individuais a divindades egípcias, e algumas dessas propostas fazem sentido no contexto de visões antigas de combate divino. Mas como a própria Bíblia não nomeia esses deuses, tal suposição deve ser vista com ressalvas.

Estrutura literária das dez pragas

A narração das dez pragas (Êxodo 7.14-12.32) apresenta uma estrutura literária que lembra a arquitetura artística de Gênesis 1, embora o estilo seja agora mais fluido e variado. Há oito elementos na narrativa:

1. a ordem de Deus a Moisés para ir a Faraó;
2. a ameaça da peste;
3. o surgimento da peste;
4. a tentativa dos magos egípcios de imitarem o prodígio;
5. um sinal de aparente conversão do Faraó;
6. a intercessão de Moisés;
7. a cessação da peste; e
8. a obstinação do faraó.

Observa-se que a sequência estrutural se ocupa mais de tornar a peste mais uma parte do embate étnico-religioso entre o Egito e Israel, do que em caracterizar as pestes.

No relato, Moisés e Arão anunciam as dez pragas uma a uma. Os magos imitam as duas primeiras, mas são forçados a reconhecer na terceira praga que as ações eram operadas pelo *'eṣba' 'ĕlōhîm* [dedo de Deus] (Êxodo 8.19). Na quarta praga, os israelitas são expressamente preservados do infortúnio reforçando o caráter da disputa étnico-religiosa. A última praga, que é também a maior manifestação do poder divino: ela acontece

na noite da Páscoa, quando à meia-noite Yahweh feriu todos os primogênitos na terra do Egito, inclusive o primogênito do faraó (Êxodo 12.29).

A sucessão das dez pragas representa a luta da vontade de Deus contra a vontade do faraó, e mostra a superioridade de Yahweh. A primeira missão de Moisés junto a Faraó para trazer o povo de Israel do Egito não teve sucesso, e a opressão contra os israelitas foi agravada (Êxodo 5.1-23). Por isso, Yahweh delibera tornar mais evidente o seu poder mediante a repetição da promessa e a intensificação de sua ação (Êxodo 6.6-8). Para além do pano de fundo religioso, observa-se:

- A tendência a estabelecer marcações étnico-identitárias – os israelitas são incrédulos, os egípcios desaparecem, absorvidos na indicação de que faraó é incoerente e obstinado.
- A tendência a localizar a narrativa em uma paisagem egípcia estereotipada: os "golpes" dados por Yahweh contra o território envolve:
    - Dimensão ambiental, relacionada ao fluxo das águas e a viabilidade das colheitas. As múltiplas pragas relacionadas ao campo parece ter relação com a noção da grande produção agrícola do Egito, que só poderia ser dizimada com pragas sucessivas:
        - As águas do Nilo se tornam impróprias (primeira praga), comprometendo o sistema de irrigação.
        - As rãs morrem (segunda praga), indicando o descontrole ambiental do Nilo e das regiões pantanosas.
        - As moscas (quarta praga), acabando com a sanidade dos alimentos.
        - Granizo (sétima praga), acabando com as colheitas e com o gado.

    - Gafanhotos (oitava praga), acabando com as colheitas.
  - Dimensão religiosa, relacionada aos símbolos das divindades egípcias:
    - Rebanhos (quinta praga) – ao "matar" os rebanhos, Yahweh combate e vence a divindade Ápis, intermediário entre os homens e Atum. Ramsés II começou os sepultamentos de Ápis no Serapeum, local próximo aos assentamentos israelitas no Egito.
    - Trevas (nona praga) – ao "apagar" o sol, Yahweh combate e vence a divindade Atum (ou Atum-Rá), Atum-Hórus ou Amom-Rá.
  - Dimensão étnica, relacionada aos "golpes" de Yahweh contra o corpo dos egípcios, em uma sequência progressiva:
    - Piolhos (terceira praga): causam desconforto.
    - Úlceras (sexta praga): doenças que incapacitam até mesmo os magos a serviço de faraó.
    - Morte dos primogênitos (décima praga): impossibilidade de continuidade do povo mediante a morte dos herdeiros. A lógica aqui é mais judaica que egípcia, uma vez que no direito primitivo de Israel, o herdeiro é o filho mais velho.

O esquema geral, portanto, envolve três campos da vida: ambiental, religiosa e étnica. Em todas elas, implicações para as demais. Logo, não é a epidemia o foco, mas o cataclisma do qual a epidemia faz parte e torna a vida muito difícil, ou inviável.

Dimensão Ambiental	Dimensão Religiosa	Dimensão Étnica
Primeira – águas Segunda – rãs		
		Terceira – piolhos
Quarta – moscas		
	Quinta – rebanhos	
		Sexta – úlceras
Sétima – granizo Oitava – gafanhotos		
	Nona – sol	
		Décima – morte dos primogênitos

A Páscoa

Os capítulos 11-13 de Êxodo, em cujo contexto se destaca a história da última praga e da páscoa, intercalam seções narrativas com seções legislativas. Êxodo 11 contém o anúncio da última praga, e serve de preâmbulo para enquadrar adequadamente o evento da Páscoa e as leis sobre a consagração dos primogênitos.

O capítulo 12 contém dois tipos diferentes de prescrições sobre como os israelitas deveriam celebrar a Páscoa: um relacionado ao rito de imolar e comer o cordeiro (Êxodo 12.1-14.21-27,43-49); o outro relacionado ao pão ázimo (pão sem fermento), que deveria ser consumido sete dias após o dia da Páscoa (Êxodo 12.15-20). Suplementa a narrativa um texto legislativo que se relaciona à consagração dos primogênitos (Êxodo 13.1-16).

Um aspecto fundamental da celebração da Páscoa é que ela está ligada à partida do Egito, e por isso ela adquire um significado religioso particular. A celebração da Páscoa deve permanecer para as gerações futuras como uma memória que atualiza

a ação salvífica de Deus em favor de Israel (Êxodo 13.16). Desde então, o rito pascal se torna o memorial da libertação, uma reapresentação da obra salvadora de Deus, que continua a ser realizada para lembrar que a vontade de Deus é salvar o seu povo. Ao celebrar a Páscoa, o israelita passa a noite em vigília, preparado para viajar, e deve comer a vítima pascal como seus pais fizeram, com pressa, como se estivesse prestes a deixar o Egito. O uso de pão sem fermento é um sinal da pressa de partir para a liberdade prometida por Deus (Êxodo 12.11; Deuteronômio 16.3).

A páscoa também diferencia os israelitas dos egípcios nos três campos: ambiental, religioso e étnico. As casas dos israelitas são preservadas e há pão, carne e vinho para o consumo; a divindade protege suas casas; e os primogênitos, que representam a continuidade do povo, são conservados e participam de um rito consagratório.

Em resumo, o que é a peste egípcia?

Há, no relato da peste egípcia, um relato do colapso pleno: produção agrícola, animais, religião e as próprias pessoas são atingidas. Não há, portanto, interesse em registrar historicamente qualquer relato epidêmico. Em primeiro plano, há as noções de:

- imunidade do povo israelita.
- a superioridade do Deus do povo israelita, que preservará as casas e famílias israelitas, transformando a segregação da escravidão em vantagem estratégica diante do colapso egípcio.
- a crise ambiental, que interfere na prosperidade do campo e redunda em fome.

Referências Bibliográficas

ASSMANN, J. Exodus: Die Revolution der Alten Welt. C.H.Beck, 2015.

DOZEMAN, T. B. *Methods for Exodus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

DOZEMAN, T. B.; EVANS, C. A.; LOHR, J. N. *The Book of Exodus: Composition, Reception, and Interpretation*. Leiden: Brill Academic Publishers, 2014.

GÄRTNER, J; SCHMITZ, B. *Exodus: Rezeptionen in deuterokanonischer und frühjüdischer Literatur*. Berlin: Walter de Gruyter, 2016.

LEVY, T. E. SCHNEIDER, T.; PROPP, W. H. C. (eds.). *Israel's Exodus in Transdisciplinary Perspective*: *Text, Archaeology, Culture*. New York, Dordrecht, London: Springer, 2015.

KIBUUKA, B. A Torá Comentada. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

Epidemis_miolo.indd 22 23/09/20 15:57

Capítulo II
A Peste dos Filisteus

A Praga ou Peste dos Filisteus foi uma epidemia atingiu a população de três das cinco cidades da Filístia,[1] quando elas tentaram sem sucesso conquistar os hebreus na segunda metade do século IX a.C. A doença foi identificada por alguns como peste bubônica, mas outro diagnóstico sugerido é hemorroidas, enfermidade que acompanha a disenteria. De acordo com o relato em 1 Samuel 5.1,6-12; 6.1-21, o exército filisteu sucumbiu à doença depois de capturar a arca da aliança dos hebreus. A peste seguiu os filisteus para onde quer que eles levassem a arca. Eles a deslocaram:

- primeiro para Asdode (1 Samuel 5.1-7);
- depois para Gate (1 Samuel 5.8-9);
- em seguida, para Ecrom (1 Samuel 5.10-12).

Em cada cidade filística, as pessoas foram afligidas com inchaços ou tumores nas "partes baixas". Depois de sete meses em que muitos filisteus morreram, eles devolveram a arca aos hebreus, enviando de presente de cinco *hemorroidas* de ouro e cinco ratos de ouro, um para cada cidade filisteia. A associação de roedores com as doenças, e a localização dos inchaços (que

poderiam ser bolhas), além da rápida disseminação e alta mortalidade conectam a epidemia à peste bubônica. Porém, uma vez que a disenteria bacilar atinge frequentemente exércitos móveis, é provável que a doença fosse disenteria.

Documento: 1 Samuel 5.1-7.12

5.1 Os filisteus tomaram a arca de Deus e a levaram de Ebenézer a Asdode.
2 Tomaram os filisteus a arca de Deus e a meteram na casa de Dagom, junto a este.
3 Levantando-se, porém, de madrugada os de Asdode, no dia seguinte, eis que estava caído Dagom com o rosto em terra, diante da arca do SENHOR; tomaram-no e tornaram a pô-lo no seu lugar.
4 Levantando-se de madrugada no dia seguinte, pela manhã, eis que Dagom jazia caído de bruços diante da arca do SENHOR; a cabeça de Dagom e as duas mãos estavam cortadas sobre o limiar; dele ficara apenas o tronco.
5 Por isso, os sacerdotes de Dagom e todos os que entram no seu templo não lhe pisam o limiar em Asdode, até ao dia de hoje.
6 Porém a mão do SENHOR castigou duramente os de Asdode, e os assolou, e os feriu de tumores, tanto em Asdode como no seu território.
7 Vendo os homens de Asdode que assim era, disseram: Não fique conosco a arca do Deus de Israel; pois a sua mão é dura sobre nós e sobre Dagom, nosso deus.
8 Pelo que enviaram mensageiros, e congregaram a si todos os príncipes dos filisteus, e disseram: Que faremos da arca do Deus de Israel? Responderam: Seja levada a arca do Deus de Israel até Gate e, depois, de cidade em cidade. E a levaram até Gate.

9 Depois de a terem levado, a mão do SENHOR foi contra aquela cidade, com mui grande terror; pois feriu os homens daquela cidade, desde o pequeno até ao grande; e lhes nasceram tumores.
10 Então, enviaram a arca de Deus a Ecrom. Sucedeu, porém, que, em lá chegando, os ecronitas exclamaram, dizendo: Transportaram até nós a arca do Deus de Israel, para nos matarem, a nós e ao nosso povo.
11 Então, enviaram mensageiros, e congregaram a todos os príncipes dos filisteus, e disseram: Devolvei a arca do Deus de Israel, e torne para o seu lugar, para que não mate nem a nós nem ao nosso povo. Porque havia terror de morte em toda a cidade, e a mão de Deus castigara duramente ali.
12 Os homens que não morriam eram atingidos com os tumores; e o clamor da cidade subiu até ao céu.
6.1 Sete meses esteve a arca do SENHOR na terra dos filisteus.
2 Estes chamaram os sacerdotes e os adivinhadores e lhes disseram: Que faremos da arca do SENHOR? Fazei-nos saber como a devolveremos para o seu lugar.
3 Responderam eles: Quando enviardes a arca do Deus de Israel, não a envieis vazia, porém enviá-la-eis a seu Deus com uma oferta pela culpa; então, sereis curados e sabereis por que a sua mão se não tira de vós.
4 Então, disseram: Qual será a oferta pela culpa que lhe havemos de apresentar? Responderam: Segundo o número dos príncipes dos filisteus, cinco tumores de ouro e cinco ratos de ouro, porquanto a praga é uma e a mesma sobre todos vós e sobre todos os vossos príncipes.
5 Fazei umas imitações dos vossos tumores e dos vossos ratos, que andam destruindo a terra, e dai glória ao Deus de Israel; porventura, aliviará a sua mão de cima de vós, e do vosso deus, e da vossa terra.
6 Por que, pois, endureceríeis o coração, como os egípcios e Faraó endureceram o coração? Porventura, depois de os haverem tratado tão mal, não os deixaram ir, e eles não se foram?

7 Agora, pois, fazei um carro novo, tomai duas vacas com crias, sobre as quais não se pôs ainda jugo, e atai-as ao carro; seus bezerros, levá-los-eis para casa.
8 Então, tomai a arca do SENHOR, e ponde-a sobre o carro, e metei num cofre, ao seu lado, as figuras de ouro que lhe haveis de entregar como oferta pela culpa; e deixai-a ir.
9 Reparai: se subir pelo caminho rumo do seu território a Bete-Semes, foi ele que nos fez este grande mal; e, se não, saberemos que não foi a sua mão que nos feriu; foi casual o que nos sucedeu.
10 Assim fizeram aqueles homens, e tomaram duas vacas com crias, e as ataram ao carro, e os seus bezerros encerraram em casa.
11 Puseram a arca do SENHOR sobre o carro, como também o cofre com os ratos de ouro e com as imitações dos tumores.
12 As vacas se encaminharam diretamente para Bete-Semes e, andando e berrando, seguiam sempre por esse mesmo caminho, sem se desviarem nem para a direita nem para a esquerda; os príncipes dos filisteus foram atrás delas, até ao território de Bete-Semes.
13 Andavam os de Bete-Semes fazendo a sega do trigo no vale e, levantando os olhos, viram a arca; e, vendo-a, se alegraram.
14 O carro veio ao campo de Josué, o bete-semita, e parou ali, onde havia uma grande pedra; fenderam a madeira do carro e ofereceram as vacas ao SENHOR, em holocausto.
15 Os levitas desceram a arca do SENHOR, como também o cofre que estava junto a ela, em que estavam as obras de ouro, e os puseram sobre a grande pedra. No mesmo dia, os homens de Bete-Semes ofereceram holocaustos e imolaram sacrifícios ao SENHOR.
16 Viram aquilo os cinco príncipes dos filisteus e voltaram para Ecrom no mesmo dia.
17 São estes, pois, os tumores de ouro que enviaram os filisteus ao SENHOR como oferta pela culpa: por Asdode, um; por Gaza, outro; por Asquelom, outro; por Gate, outro; por Ecrom, outro;

18 como também os ratos de ouro, segundo o número de todas as cidades dos filisteus, pertencentes aos cinco príncipes, desde as cidades fortes até às aldeias campestres. A grande pedra, sobre a qual puseram a arca do SENHOR, está até ao dia de hoje no campo de Josué, o bete-semita.
19 Feriu o SENHOR os homens de Bete-Semes, porque olharam para dentro da arca do SENHOR, sim, feriu deles setenta homens; então, o povo chorou, porquanto o SENHOR fizera tão grande morticínio entre eles.
20 Então, disseram os homens de Bete-Semes: Quem poderia estar perante o SENHOR, este Deus santo? E para quem subirá desde nós?
21 Enviaram, pois, mensageiros aos habitantes de Quiriate-Jearim, dizendo: Os filisteus devolveram a arca do SENHOR; descei, pois, e fazei-a subir para vós outros.
7.1 Então, vieram os homens de Quiriate-Jearim e levaram a arca do SENHOR à casa de Abinadabe, no outeiro; e consagraram Eleazar, seu filho, para que guardasse a arca do SENHOR.
2 Sucedeu que, desde aquele dia, a arca ficou em Quiriate-Jearim, e tantos dias se passaram, que chegaram a vinte anos; e toda a casa de Israel dirigia lamentações ao SENHOR.

Comentário ao texto

A cláusula de abertura do texto, em 1 Samuel 5.1–5, sinaliza uma nova iniciativa humana, que é enfatizada em todo o capítulo: TOMAR. Os filisteus agora "tomam" a arca. Em 1 Samuel 5.6-8, os filisteus chamam seus oponentes de "hebreus" e comentaram sobre a chegada da arca ao acampamento de Israel, falando de um ou mais deuses. Diante de um poder indesejável , eles passam a falar da "arca do Deus de Israel" (versos 7, 8 [2x], 10 e 11) e reclamam (7) do peso da mão de Yahweh contra eles.

É comum que nas histórias da arca, a "mão" seja mencionada (1 Samuel 4.8; 5.6, 7, 9; 6.3, 5, 9 [11]). Além disso, parte do dano causado a Dagom, deus filisteu derrubado por Yahweh, é a quebra de suas mãos (5.4). O narrador chama a mão de Yahweh de "pesada" (5.6), fazendo uso do termo *kbd*. Os próprios asdoditas experimentam o peso da mão de Yahweh (5.7). Mover a arca para outra cidade filisteia se mostrou uma ação inútil. Os ecronitas também foram mortos. A proposta deles foi sensata: a arca deve ser despachada para que possa retornar ao seu "lugar". Tal "lugar" não é uma localidade qualquer – o vocábulo hebraico utilizado, *maqom,* designa frequentemente um santuário (1 Samuel 3.2, 9).

A frase que abre o capítulo 6 informa que os eventos anteriores ocorreram durante um período de sete meses. A consulta aos sacerdotes e adivinhos (6.2) resulta nas orientações para a devolução da arca ao "lugar" (5.11) sagrado. O termo "adivinho" é derivado de um verbo denominativo pejorativo – talvez porque a adivinhação seja considerada uma atividade estrangeira – logo, vedada, proibida aos israelitas. A pergunta feita a esses sacerdotes e adivinhos é bastante limitada: devem enviar a arca para longe? Devem enviar um presente com ela? Qual presente enviar?

Os sacerdotes e adivinhos concordam (6.3) que a arca não deve ser enviada "de mãos vazias": uma oferta pela culpa deve acompanhá-la. Se os filisteus enviarem uma oferta de culpa com a arca, eles receberão não apenas a cura, mas também o conhecimento. Os comentários desse episódio geralmente partem da ideia de que a praga que atinge os filisteus está associada aos roedores. No mundo oriental do Mediterrâneo Antigo, as pessoas estavam plenamente conscientes de que a praga era espalhada por roedores frequentemente transportados por navios. Porém, o termo "ratos" deve ser posto entre aspas, porque não está claro o significado da expressão ṭaḥōrê zāhāḇ (6.4). O certo

é que a tradução mais apropriada provavelmente é: *O número dos senhores dos filisteus, cinco inchaços de ouro – pois é uma praga para todos eles – e a imagem dos " ratos "que os estão destruindo.*

1 Samuel 6.7 a 12 mostra que os religiosos filisteus estão familiarizados com as primeiras tradições de Israel (6.6): os filisteus não devem replicar os erros do faraó. Então, em 1 Samuel 6.13 a 16, o gado segue direto para Bete-Semes, onde a arca é recebida pelos ceifeiros. A "pedra grande" sobre a qual a arca é colocada (6.14, 18) pode ser um eufemismo para o altar. As vacas obedientes são mortas e oferecidas como uma oferta queimada. A população israelita não compartilha dos escrúpulos de Davi (2 Samuel 24.24) sobre não usar como oferenda algo que não foi comprado pelo sacrificador. As pessoas que olharam para a arca, o povo israelita de Bete-Semes, sofreram uma sorte semelhante a dos filisteus de Asdode e Gate, e querem igualmente se livrar da arca. Depois de severas perdas, eles fizeram aos filisteus duas questões: Quem pode ficar diante do Senhor? Para quem "ele" vai, após sair daqui? Os vizinhos de Quiriate-Jearim aliviaram o seu "santo" fardo.

A narrativa do retorno da arca a Israel mostra uma sequência de verbos narrativos que terminam com o gado indo direto para Bete-Semes (6.12a). E uma miscelânea ordenada de perspectivas segue:

- Os senhores dos filisteus se concentram na retaguarda da arca (6.12b).
- Bete-Semes está feliz em ter sua colheita interrompida (6.13).
- A procissão chega e se torna um sacrifício (6.14).
- Os levitas lidam com a arca (6.15a).
- Os homens de Bete-Semes oferecem sacrifício (6.15b).

Os senhores dos filisteus observam e saem satisfeitos (6.16). O sacrifício público (holocaustos e outros "sacrifícios") oferecido pelos homens de Bete- Semes antecipa o oferecido por Davi (2 Sm 6.17-18) quando a arca está em Jerusalém. No entanto, a menção repentina dos "levitas" é uma surpresa (1 Sm 6.15). Eles reaparecerão em Samuel apenas uma vez (2 Samuel 15.24 a 29), novamente como carregadores da arca quando ela estiver sendo removida de Jerusalém.

Em 6.19–7.1, os senhores dos filisteus ficam satisfeitos, mas a presença da arca é destrutiva para Israel tanto quanto tinha sido para os filisteus. O povo de Bete-Semes logo se desespera e procura o povo de Asdode. Quando eles pedem conselhos, os filisteus agora falam da arca como pertencente a Yahweh (6.2), "a arca do deus de Israel" (6.3). Embora Israel e os filisteus estejam em campos opostos, ambos são vítimas da peste, da doença, ambos morrem.

A morte de muitos (6.19) atinge as pessoas sem distinção étnica. Se a explicação religiosa é a falta de reverência diante da arca, a realidade é que a pestilência não distingue etnia, e apenas a prudência ao tocar a fonte das doenças pode preservar as vidas. As oferendas fazem parte das ações religiosas, mas é a quarentena que resolve – apenas os especialistas podem tocar, levar e tratar do objeto "contaminado". Olhar para a arca depois de abri-la resulta em morte certa – seja para filisteus, seja para hebreus. A mão da epidemia é o "braço forte de Yahweh", que rasga a carne e devasta os campos. Mas o elemento concreto e visivel é a arca: ela é o veículo de contaminação e a fonte do mal, e por isso ela precisa ser despachada com todo o cuidado para fora do território em que ela provoca a epidemia.

Referências Bibliográficas

AULD, A. G. *I & II Samuel*. Louisville, Kentucky: Westiminster John Knox Press, 2011.

BODNER, K. *1 Samuel*: A Narrative Commentary. Sheffielr: Sheffield Phoenix Press, 2009.

GILBERT, P. *Los Libros de Samuel y de los Reyes: de la leyenda a la historia*. Estella, Navarra: Editorial Verbo Divino, 1984.

GORDON, B. P. *1 & 2 Samuel*. Sheffield: JSOT Press, 1987.

Epidemis_miolo.indd 32 23/09/20 15:57

Capítulo III
A Ilíada e a Peste dos Aqueus

A origem da literatura no Mundo Ocidental está indissoluvelmente ligada à epopeia que inaugura o gênero épico, *Ilíada*, atribuída a Homero. E logo no início dessa epopeia (Ilíada 1.8-117), um relato relaciona um surto epidêmico às emoções relacionadas aos conflitos e às armas. E na dimensão das afetividades e das tecnologias militares, uma praga se manifesta no acampamento dos Aqueus. O nexo causal para o início e para o fim da pestilência é atribuído:

- à quebra das regras de hospitalidade (*xenía*), à impiedade religiosa e ao desrespeito contra idosos e sacerdotes (Ilíada 1.26-32);[1]

1. Ilíada 1.26-32: μή σε γέρον κοίλῃσιν ἐγὼ παρὰ νηυσὶ κιχείω / ἢ νῦν δηθύνοντ᾽ ἢ ὕστερον αὖτις ἰόντα, / μή νύ τοι οὐ χραίσμῃ σκῆπτρον καὶ στέμμα θεοῖο: / τὴν δ᾽ ἐγὼ οὐ λύσω: πρίν μιν καὶ γῆρας ἔπεισιν / ἡμετέρῳ ἐνὶ οἴκῳ ἐν Ἄργεϊ τηλόθι πάτρης / ἱστὸν ἐποιχομένην καὶ ἐμὸν λέχος ἀντιόωσαν: / ἀλλ᾽ ἴθι μή μ᾽ ἐρέθιζε σαώτερος ὥς κε νέηαι. [Que eu não te encontre, velho, junto às naus côncavas / demorando agora ou vindo novamente mais tarde, / não há, agora, em teu favor, cetro e fita do deus que o defenda; / Eu não a libertarei: antes disso, ela também ficará velha / em minha casa, em Argos, distante da pátria / enquanto se afadiga no tear e dorme no meu leito. / Mas, agora, vá! Não me irrites, partirás salvo.]

- ao reconhecimento das conexões entre o poder destrutivo da epidemia e do conflito bélico (Ilíada 1.61);[2]
- à interação na assembleia convocada para discutir a epidemia (Ilíada 1.52-54);[3]
- e à necessidade de consulta aos adivinhos (especialistas?) sobre as formas de enfrentamento do problema (Ilíada 1.62-67).[4]

A narrativa do livro I da Ilíada dá à epidemia certo protagonismo, tornando-a embreadora e gatilho para o desenvolvimento de todo o seu longo enredo. A ira (*mênis*) de Aquiles (Ilíada 1.1-3)[5] será a consequência do conflito do herói com Agamêmnon no curso das deliberações sobre como enfrentar a peste.

O texto destaca que a peste foi a consequência da reação de Agamêmnon, que ultrajou Crises, sacerdote de Apolo, quando

.....

2. Ilíada 1.61: εἰ δὴ ὁμοῦ πόλεμός τε δαμᾷ καὶ λοιμὸς Ἀχαιούς: [se a guerra e a pestilência igualmente devastam os Aqueus.]

3. Ilíada 1.52-54: βάλλ᾽: αἰεὶ δὲ πυραὶ νεκύων καίοντο θαμειαί. / ἐννῆμαρ μὲν ἀνὰ στρατὸν ᾤχετο κῆλα θεοῖο, / τῇ δεκάτῃ δ᾽ ἀγορὴν δὲ καλέσσατο λαὸν Ἀχιλλεύς: [e atacou; e constantemente as piras dos mortos queimavam espessas. / Por nove dias, as setas do deus foram lançadas sobre os exércitos, / mas no décimo dia de Aquiles convocou o povo para a assembleia.]

4. Ilíada 1.62-67: ἀλλ᾽ ἄγε δή τινα μάντιν ἐρείομεν ἢ ἱερῆα / ἢ καὶ ὀνειροπόλον, καὶ γάρ τ᾽ ὄναρ ἐκ Διός ἐστιν, / ὅς κ᾽ εἴποι ὅ τι τόσσον ἐχώσατο Φοῖβος Ἀπόλλων, / εἴτ᾽ ἄρ᾽ ὅ γ᾽ εὐχωλῆς ἐπιμέμφεται ἠδ᾽ ἑκατόμβης, / αἴ κέν πως ἀρνῶν κνίσης αἰγῶν τε τελείων / βούλεται ἀντιάσας ἡμῖν ἀπὸ λοιγὸν ἀμῦναι. [Mas vá, em efeito, e pergunte para algum vidente ou sacerdote / ou para quem interpreta sonhos, pois também o sonho é de Zeus, / que diga por que Febo Apolo se irou, / se nos repreende por causa de uma promessa ou de uma hecatombe, / se com o fumegar de ovelhas e cabras perfeitas / ele decide nos livrar, afastando a ruína.]

5. Ilíada 1.1-3: μῆνιν ἄειδε θεὰ Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος / οὐλομένην, ἣ μυρί᾽ Ἀχαιοῖς ἄλγε᾽ ἔθηκε, / πολλὰς δ᾽ ἰφθίμους ψυχὰς Ἄϊδι προΐαψεν [Canta, deusa, a ira de Aquiles, filho de Peleu. / mortífera, que aos Aqueus pôs numerosos sofrimentos, / e muitas almas de fortes heróis enviou para o Hades]

ele solicitou a libertação de sua filha Criseida (Ilíada 1.17-21).[6] A filha do ancião era um **presente de honra** (*géras*) de Agamêmnon (Ilíada 1.118-119a),[7] e a proposta feita era a devolução da concubina em troca de um **resgate** (ápoina) generoso (Ilíada 1.13, 23) em nome do deus "Apolo **que atinge o alvo**" (*hekēbólos* – Ilíada 1.21). Ou seja, juntamente com a oferta de presentes, a ameaça jazia, implícita sob a forma de um apelo ao respeito à divindade que faz adoecer e atua nas batalhas. A proposta de Crises é a troca de sua filha pelo auxílio de Apolo e por presentes valiosos, coisas mais úteis aos interesses coletivos dos Aqueus do que aos interesses pessoais de Agamêmnon.

Agamêmnon, beneficiário do **corpo** (*démas*), da **estatura** (*phyḗ*), da **inteligência** (*phrḗn*) e dos **trabalhos** (érga) de Criseida (Ilíada 1.114b-115),[8] dispensou Crises, o pai dela, com um **discurso áspero** (*mŷthos kraterós*), desproporcional às palavras suaves e às ameaças veladas feitas pelo sacerdote de Apolo. Agamêmnon, diante do sacerdote do deus da cura, da doença e da guerra, "dobrou a aposta".

Em um só ato, o rei de Micenas cometeu ***asébeia*** (impiedade – Ilíada 1.14-20),[9] quebrou as leis de **xenía** (hospitalidade),

.....

6. Ilíada 1.17-21: Ἀτρεΐδαι τε καὶ ἄλλοι ἐϋκνήμιδες Ἀχαιοί, / ὑμῖν μὲν θεοὶ δοῖεν Ὀλύμπια δώματ᾽ ἔχοντες / ἐκπέρσαι Πριάμοιο πόλιν, εὖ δ᾽ οἴκαδ᾽ ἱκέσθαι: / παῖδα δ᾽ ἐμοὶ λύσαιτε φίλην, τὰ δ᾽ ἄποινα δέχεσθαι, / ἁζόμενοι Διὸς υἱὸν ἑκηβόλον Ἀπόλλωνα. Atridas e também os outros Aqueus eucmênides, / que para vós os deuses que habitam as posses Olímpicas deem / saquear a cidade de Príamo, retornando bem para casa. / Mas libertai a minha filha, o presente recebei, / tendo reverência pelo filho de Zeus, Apolo que atinge no alvo.]

7. Ilíada 1.118-119a: αὐτὰρ ἐμοὶ γέρας αὐτίχ᾽ ἑτοιμάσατ᾽ ὄφρα μὴ οἶος / Ἀργείων ἀγέραστος ἔω [mas para mim um presente de honra imediatamente preparai para que não seja só eu a ficar sem presente de honra]

8. Ilíada 1.114b-115: ἐπεὶ οὔ ἑθέν ἐστι χερείων, / οὐ δέμας οὐδὲ φυήν, οὔτ᾽ ἄρ φρένας οὔτέ τι ἔργα. [pois não é inferior do que (ela) / nem no corpo, nem na estatura, nem na inteligência, nem em quaisquer obras]

9. Ilíada 1.14-20: στέμματ᾽ ἔχων ἐν χερσὶν ἑκηβόλου Ἀπόλλωνος / χρυσέῳ ἀνὰ σκήπτρῳ, καὶ λίσσετο πάντας Ἀχαιούς, / Ἀτρεΐδα δὲ μάλιστα

desrespeitou um ancião (Ilíada 1.26-32)[10] e contrariou os Aqueus, que aprovaram a proposta de Crises (Ilíada 1.22-23).[11]

A súplica de desagravo feita por Crises a Apolo, "deus tutelar" do sacerdote (Ilíada 1.37) e regente de Tenedo (Ilíada 1.38), foi feita ainda no mar. Ele pediu que as setas do deus fizessem os Dânaos – não apenas Agamêmnon – **pagar** (*tínō*) por suas lágrimas (Ilíada 1.42). Todos passam a sofrer por causa da escolha do **soberano dos homens** (ánax andrôn). A ampliação da amplitude do conflito é evidente: não envolve apenas Crises e Agamêmnon, mas agora relaciona os Dânaos aos habitantes de Tenedo. A epidemia se circunscreve na dinâmica das relações entre grupos étnico-políticos, e se torna parte da teia que relaciona interesses privados e públicos, religião, diplomacia, e *performance*. A epidemia se tornou a consequência de um conflito e um instrumento para a sua resolução.

Há, na tessitura narrativa, um *tópos* onde a súplica é realizada: o mar. Tal lugar não é aleatório, nem acidental. Desde o mar, Crises, frustrado, silencioso e afastado, quebra o silêncio chamando Apolo pelo epíteto *Smintheû* (Ilíada 1.39), termo análogo a *smínthos*, que significa "matador de ratos". As *Smíntheia* são os jogos realizados na festa de Apolo *Smintheús* na Esmirna. Houve santuários a Apolo *Smintheús* no noroeste da

.....

δύω, κοσμήτορε λαῶν: / Ἀτρεΐδαι τε καὶ ἄλλοι ἐϋκνήμιδες Ἀχαιοί, / ὑμῖν μὲν θεοὶ δοῖεν Ὀλύμπια δώματ᾽ ἔχοντες / ἐκπέρσαι Πριάμοιο πόλιν, εὖ δ᾽ οἴκαδ᾽ ἱκέσθαι: / παῖδα δ᾽ ἐμοὶ λύσαιτε φίλην, τὰ δ᾽ ἄποινα δέχεσθαι, [tendo nas mãos fitas de Apolo que atinge no alvo / e um cetro dourado, pediu para todos os Aqueus, / mais para os dois Atridas, líderes dos povos: / "Atridas e também os outros Aqueus eucmênides, / que para vós os deuses que habitam as posses Olímpicas deem / saquear a cidade de Príamo, retornando bem para casa. / Mas libertai a minha filha, o presente recebei]

10. Tradução na nota 1.

11. Ilíada 1.22-23: ἔνθ᾽ ἄλλοι μὲν πάντες ἐπευφήμησαν Ἀχαιοὶ / αἰδεῖσθαί θ᾽ ἱερῆα καὶ ἀγλαὰ δέχθαι ἄποινα: [em seguida, todos os outros Aqueus assentiram com aplausos / respeitar o sacerdote e receber o esplêndido resgate]

Anatólia, em Quios, em Rodes – não se sabe se por reação etiológica à narrativa homérica, ou o contrário. Seja como for, os ratos e o mar estão relacionados às embarcações que traziam pessoas e produtos para o bem; e doenças e os seus vetores para o mal. Não por acaso, camundongo ou rato em grego é *pontikòs mŷs* (rato do mar), oposto a *mŷs arouraîos* (rato do campo).

O segundo nível narrativo: as *téchnai* e os encadeamentos evidentes das epidemias

Há uma conexão na narrativa entre dados secundários dentro do propósito discursivo, mas que são hoje fundamentais para explicar surtos epidêmicos:

- o mar de onde vem Crises;
- os ratos dos navios, assunto sugerido na epíteto Apolo *Smintheû* (Ilíada 1.39);[12]
- a pestilência transmitida ocultamente aos infectados (Ilíada 1.62-64), visto que Apolo está *apáneuthe neôn* (à distância das naus) dos Aqueus (Ilíada 1.48);[13]
- os animais, pois cães e mulas são atingidos primeiro (Ilíada 1.50).[14]

Em primeiro plano estão, porém, estão os elementos míticos que explicam o surto epidêmico e as ações para combater esse agressor para eles invisível, mas que causa sintomas visíveis: a **praga** (*loimós*) e a **morte** (Ilíada 1.61).[15]

.....

12. Em grego, Σμινθεῦ, vocativo de Σμινθεύς.

13. Ilíada 1.48: ἕζετ᾽ ἔπειτ᾽ ἀπάνευθε νεῶν, μετὰ δ᾽ ἰὸν ἕηκε: [Então, sentou à distância das naus, lançou uma seta:]

14. Ilíada 1.50: Ἀτρεΐδη νῦν ἄμμε παλιμπλαγχθέντας ὀΐω [Atreus, agora eu, de minha parte, penso em dirigir de volta]

15. Ilíada 1.61: εἰ δὴ ὁμοῦ πόλεμός τε δαμᾷ καὶ λοιμὸς Ἀχαιούς: [se a guerra e a pestilência igualmente devastam os Aqueus.]

Como já se disse, a narrativa preenche o vácuo da invisibilidade da peste com a explicação que Apolo vem de noite e sorrateiramente atinge os Aqueus (Ilíada 1.47).[16] Os patógenos microscópicos não são identificados, pois não eram rastreáveis por causa dos limites conceituais e tecnológicos da Antiguidade. Porém, alguns vetores dos patógenos, passíveis de serem empiricamente discernidos, são frequentemente mencionados nas narrativas. No caso da Ilíada, as doenças surgem na esteira de pessoas em deslocamentos territoriais, da existência de ratos, de cães e de mulas, de pessoas aglomeradas, de contatos e intercâmbios. Ao mesmo tempo, na dimensão mitopoética da narrativa, o hiato causal, invisível e inaparente passa a responder pelo nome de Apolo, o que imbui a esse deus a responsabilidade pelos eventos e a possibilidade de alguma esperança de cura ou livramento. É a presença e ação de Apolo que explica o adoecer, e por isso mesmo ele é a esperança para a cura. Isso é apontado por Aquiles em seu discurso (Ilíada 1.59-67).

Apolo é o deus que pode salvar o seu protegido em batalha, como o fizera com Heitor (Ilíada 20.443-444).[17] Antiteticamente, ele também pode matar aquele por quem ele nutre inimizade sem que o atingido saiba ao menos de onde veio a flecha, pois Apolo desce "dos picos do Olimpo, caminhando, irado, segurando nos ombros o arco e a aljava coberta" (Ilíada 1.44-45),[18] e ele vem de maneira furtiva, "como a noite" (Ilíada 1.47).[19] Esse deus da saúde e da doença, da proteção no campo de batalha e

16. Ilíada 1.47b: ὃ δ' ἤϊε νυκτὶ ἐοικώς. [ele veio como a noite.]

17. Ilíada 20.443a-444: τὸν δ' ἐξήρπαξεν Ἀπόλλων / ῥεῖα μάλ' ὥς τε θεός, ἐκάλυψε δ' ἄρ' ἠέρι πολλῇ. [Mas Apolo o arrebatou / com facilidade excessiva, como um deus, escondendo em uma névoa densa]

18. Ilíada 1.44-45: βῆ δὲ κατ' Οὐλύμποιο καρήνων χωόμενος κῆρ, / τόξ' ὤμοισιν ἔχων ἀμφηρεφέα τε φαρέτρην: [Desceu dos picos do Olimpo, caminhando, irado, / segurando nos ombros o arco e a aljava coberta.]

19. Ilíada 1.47: αὐτοῦ κινηθέντος: ὃ δ' ἤϊε νυκτὶ ἐοικώς. / [enquanto ele se movia: ele veio como a noite.]

do golpe furtivo, ocupa um lugar central na narrativa.

Iniciativas contra a peste na Ilíada

As ações para fazer cessar a praga são religiosas em primeiro plano, já que é proposto por Aquiles uma consulta aos **adivinhos** (*mántis*), aos **sacerdotes** (*hiereús*) e **aos que interpretam sonhos** (Ilíada 1.62-63a).[20] As ações decisivas no combate a qualquer epidemia estão presentes no texto, em segundo plano:

- acontecem reuniões para tratar do assunto (Ilíada 1.54-56), convocadas por alguém movido com espírito público (*kḗdeto gàr Danaôn, hóti rha thnḗskontas horâto* [**pois se preocupava com os Dânaos, porque ali os via morrendo**]);
- verifica-se uma disposição à fuga (Ilíada 1.60) como estratégia para combater novas mortes. Aquiles faz a proposta: "**nós podemos fugir**" (*phýgoimen*);
- é feita uma consulta aos especialistas para que seja explicado porque (de onde?) veio a doença (Ilíada 1.64),[21] e quais as medidas para que ela acabe (Ilíada 1.66-67);[22]
- quem se pronuncia é o melhor especialista – Calcas, "**de longe o melhor adivinho**" (*oiōnopólōn óch'áristos*), "**que saberia de todas as coisas – as que são, as que serão e as que foram**" (*hòs ḗidē tá t'eónta tá t'essómena pró t'eónta*) – que orientará as melhores medidas a serem tomadas (Ilíada 1.69 e 70);[23]

20. Ilíada 1.62-63a: ἀλλ' ἄγε δή τινα **μάντιν** ἐρείομεν ἢ **ἱερῆα** / ἢ καὶ **ὀνειροπόλον**, καὶ γάρ τ' ὄναρ ἐκ Διός ἐστιν [Mas vá, em efeito, e pergunte para algum **vidente** ou **sacerdote** / ou para **quem interpreta sonhos**, pois também o sonho é de Zeus]

21. Ver a tradução na nota 4.

22. Ver a tradução na nota 4.

23. Ilíada 1.69-70: Κάλχας Θεστορίδης οἰωνοπόλων ὄχ' ἄριστος, / ὃς

- os corpos dos mortos na peste são cremados – "**sempre ardiam as piras dos mortos" (***aieì dè pyraì nekýōn kaíonto thameiaí*). A cremação, ato de honra aos guerreiros mortos, pode ter aqui funções sanitárias (Ilíada 1.52).[24]

Resumo dos elementos presentes na narrativa homérica de uma epidemia

Há, na Ilíada, em primeiro plano, uma peste atribuída à atuação de Apolo por causa da ofensa de um rei contra um sacerdote. São as implicações públicas das decisões individuais. Nos desdobramentos, técnicos (sacerdotes, adivinhos e intérpretes de sonhos) são convocados, e um deles, Calcas, identifica a origem divina do problema.

Em segundo plano, alusões àquilo que de fato tem relação com uma epidemia são feitas: o mar, os ratos, os cães, os asnos, a pestilência transmitida ocultamente aos infectados a ordem das infecções (primeiros, animais; depois homens), medidas de profilaxia (queima de corpos) e de combate à epidemia (fuga) são executadas ou propostas. A consulta aos especialistas, o pronunciamento do maior deles e o seguimento das orientações dá fim ao mal.

O texto nos informa que após as orientações, os Aqueus seguiram as medidas para o fim do mal – não sem que os excessos de Agamêmnon se manifestassem mais uma vez. O rei dos Aqueus, mesmo sabendo da peste e de sua origem, rejeitou mais uma vez Crises (Ilíada 1.370-384), provocando mais mor-

.....

ἤδη τά τ' ἐόντα τά τ' ἐσσόμενα πρό τ' ἐόντα [Calcas, filho de Testor, de longe o melhor dos adivinhos / que saberia de todas as coisas – as que são, as que serão e as que foram]

24. Ilíada 1.52: βάλλ': αἰεὶ δὲ πυραὶ νεκύων καίοντο θαμειαί. / e atacou; e constantemente as piras dos mortos queimavam espessas.

tes. Apenas ao fim, com a devolução de Criseida, orações de Crises, sacrifícios, peãs e libações, Apolo se deleitou, aplacou a sua ira e mandou um "vento favorável" aos Aqueus – e a peste chegou ao fim (Ilíada 1.439-479).

Os ecos da narrativa homérica

A narrativa homérica ecoa em outras narrativas de pestilências, em um amálgama influenciado pela relação estabelecida na Ilíada entre guerra e peste, além da inclusão dos animais nos males que acometem as pessoas, e com a solução em torno do exilamento, isolamento ou deslocamento populacional.

Os textos que serão analisados são fragmentos das Histórias de Heródoto; Édipo Rei, de Sófocles; História da Guerra do Peloponeso, de Tucídides; Contra Aristogeiton, de Demóstenes; e terminaremos com Trabalhos e Dias, de Hesíodo. A ordem não é cronológica, mas temática, para ilustrar aspectos da narrativa homérica em narrativas gregas do período arcaico (Trabalhos e Dias, de Hesíodo) e clássico; bem como gêneros literários diversos.

Heródoto, a peste e suas associações

Heródoto, em Histórias 7.171.1-2, relata uma epidemia em Creta após o retorno dos homens da Guerra de Troia, o historiógrafo afirma que a doença foi precedida e acompanhada de fome, afetando também o gado e provocando o abandono de Creta.

Heródoto, Histórias 1.171.1-2	
ἀλλὰ τὰ μὲν κατὰ Ῥηγίνους τε καὶ Ταραντίνους τοῦ λόγου μοι παρενθήκη γέγονε: ἐς δὲ τὴν Κρήτην ἐρημωθεῖσαν, ὡς λέγουσι Πραίσιοι, ἐσοικίζεσθαι ἄλλους τε ἀνθρώπους καὶ μάλιστα Ἕλληνας, τρίτῃ δὲ γενεῇ μετὰ Μίνων τελευτήσαντα γενέσθαι τὰ Τρωικά, ἐν τοῖσι οὐ φλαυροτάτους φαίνεσθαι ἐόντας Κρῆτας τιμωροὺς Μενέλεῳ.	Mas os Présios dizem que, quando Creta foi deixada desolada, foi povoada especialmente por gregos, entre outros povos. Então, na terceira geração após Minos, ocorreram os eventos que dizem respeito à Guerra de Troia, na qual os cretenses mostraram muita pressa em dar socorro a Menelau.
[2] ἀπὸ τούτων δέ σφι ἀπονοστήσασι ἐκ Τροίης **λιμόν τε καὶ λοιμὸν γενέσθαι καὶ αὐτοῖσι καὶ τοῖσι προβάτοισι**, ἔστε τὸ δεύτερον ἐρημωθείσης Κρήτης μετὰ τῶν ὑπολοίπων τρίτους αὐτὴν νῦν νέμεσθαι Κρῆτας. ἡ μὲν δὴ Πυθίη ὑπομνήσασα ταῦτα ἔσχε βουλομένους τιμωρέειν τοῖσι Ἕλλησι.	[2] Depois disso, quando voltaram de Troia, e **eles e seus rebanhos foram atingidos pela fome e peste**, até que Creta foi novamente desolada. Então veio um terceiro afluxo de cretenses, e são eles que, com os que restaram, agora moram lá. Foi isso que as Pítia lhes pediu que se lembrassem, impedindo-os de ajudar os gregos.

A correlação homérica entre guerra, religião e peste que atinge homens, peste que atinge animais, a guerra de Troia e o culto a Apolo (Pítia) se mantém, sendo parte das imagens e representações da obra herodoteana. A noção de migração, de deslocamento populacional, também está presente. Falta aqui a discriminação dos vetores – nem ratos, nem cães, nem asnos. Os animais que sofrem, designados pelo vocábulo *próbaton*, são ovelhas ou, por extensão, os animais de quatro patas domesticados. Implícita está a questão do trânsito pelo mar.

Sófocles e a peste: a deficiência dos frutos da terra, dos homens e dos animais

Sófocles, em Édipo Rei 25-30, afirma que a peste de Tebas afetou os animais, todos os tebanos e as colheitas, peste que só terminou quando a sua causa, o próprio Édipo, se retirou:

Sófocles, Édipo Rei 25-30	
[25] φθίνουσα μὲν κάλυξιν ἐγκάρποις χθονός,	[25] perecendo os frutos que amadureciam na terra,
[26] φθίνουσα δ' ἀγέλαις βουνόμοις τόκοισί τε	[26] perecendo as crias dos rebanhos nos pastos,
[27] ἀγόνοις γυναικῶν: ἐν δ' ὁ πυρφόρος θεὸς	[27] e a falta de filhos da mulheres: o deus flamejante,
[28] σκήψας ἐλαύνει, λοιμὸς ἔχθιστος, πόλιν,	[28] depois de cair, se move, **peste mais odiosa**, contra a cidade:
[29] ὑφ' οὗ κενοῦται δῶμα Καδμεῖον, μέλας δ'	[29] ele esvazia a casa de Cadmo, o escuro
[30] Ἅιδης στεναγμοῖς καὶ γόοις πλουτίζεται.	[30] Hades enriquece com gemidos e lágrimas.

A falta de frutos nas plantas, nos animais e nos ventres das mulheres provocaria o "esvaziamento da casa de Cadmo", inversamente proporcional ao enchimento/enriquecimento do Hades. À semelhança da peste no livro I da Ilíada, a atuação do deus flamejante (*ho pyrphóros theós*) é análoga à noção homérica de que Apolo lança flechas ardentes (Ilíada 1.51).

Tucídides e a peste ambiental

Tucídides, 1.23 fala de terremotos, cataclismas e fomes atingindo as pessoas de seu tempo. Nos três relatos, a conexão entre epidemia, economia, política, deslocamentos populacionais (especialmente migrações) e religião seguem, em maior ou menor grau, a narrativa homérica.

Tucídides, História da Guerra do Peloponeso 1.23	
[3] τά τε πρότερον ἀκοῇ μὲν λεγόμενα, ἔργῳ δὲ σπανιώτερον βεβαιούμενα οὐκ ἄπιστα κατέστη, σεισμῶν τε πέρι, οἳ ἐπὶ πλεῖστον ἅμα μέρος γῆς καὶ ἰσχυρότατοι οἱ αὐτοὶ ἐπέσχον, ἡλίου τε ἐκλείψεις, αἳ πυκνότεραι παρὰ τὰ ἐκ τοῦ πρὶν χρόνου μνημονευόμενα ξυνέβησαν, αὐχμοί τε ἔστι παρ᾽ οἷς μεγάλοι καὶ ἀπ᾽ αὐτῶν καὶ λιμοὶ καὶ ἡ οὐχ ἥκιστα βλάψασα καὶ μέρος τι φθείρασα **ἡ λοιμώδης νόσος**: ταῦτα γὰρ πάντα μετὰ τοῦδε τοῦ πολέμου ἅμα ξυνεπέθετο.	[3] Antigas histórias de ocorrências transmitidas pela tradição, mas escassamente confirmadas pela experiência, de repente deixaram de ser incríveis; houve terremotos de extensão e violência sem paralelos; eclipses do sol ocorreram com uma frequência não registrada na história anterior; houve grandes secas em diversos lugares e consequentes fomes, e aquela visita mais calamitosa e terrivelmente fatal, **a doença pestilencial**. Tudo isso ocorreu com o fim da guerra,
[4] ἤρξαντο δὲ αὐτοῦ Ἀθηναῖοι καὶ Πελοποννήσιοι λύσαντες τὰς τριακοντούτεις σπονδὰς αἳ αὐτοῖς ἐγένοντο μετὰ Εὐβοίας ἅλωσιν.	[4] iniciada pelos atenienses e peloponesos pela dissolução da trégua de trinta anos feita após a conquista de Eubeia.

A gradação do caos nos tempos em que o ambiente é propenso para a calamidade envolve terremotos, eclipses, secas e fomes. O ápice é a peste, que também parece compor o encadeamento seca-fome-peste, sequência lógica que subscreve a doença como culminância de um processo de deterioração das condições de vida.

Demóstenes e a peste como metáfora

Uma extensão da correlação entre transgressão e pestilência está em Demóstenes 25, o primeiro discurso do orador contra Aristogeiton, datado entre 335 e 325 a.C. No texto, Demóstenes retrata o acusado como uma pessoa perniciosa, usando o termo homérico *loimós* para fazê-lo (Demóstenes 25.80):

Demóstenes 25.80	
(...) ὁ **φαρμακός, ὁ λοιμός**, ὃν οἰωνίσαιτ᾽ ἄν τις μᾶλλον ἰδὼν ἢ προσειπεῖν βούλοιτο, ὃς αὐτὸς αὑτῷ θανάτου τετίμηκεν ὅτε τοιαύτην δίκην ἔλαχεν.	(...) esse **veneno**, essa **peste**, para quem alguém, ao vê-lo, abominaria como se fosse um mau presságio antes que decidisse falar com ele, que a si mesmo é digno de morte porque obteve licença para impetrar uma ação como esta.

Demóstenes considera digno de morte aquele que mata como se fôra uma doença ou um veneno. Ele ainda considera o contexto religioso, relacionando Aristogeiton aos maus agouros. Essa ideia de que as ações injustas de um homem ofendiam os deuses está no cerne da atuação de Agamêmnon contra Crises, e causou danos a toda a comunidade.

Para além de Homero: a peste como consequência da ação do homem mau em Hesíodo

A noção demostênica de que um cidadão pode ser um veneno e peste para uma cidade é análoga à construção da personagem Agamemnon da Ilíada. Tal perspectiva pode ser também encontrada em Trabalhos e Dias de Hesíodo:

Hesíodo, Trabalhos e Dias 240-245	
πολλάκι καὶ ξύμπασα πόλις κακοῦ ἀνδρὸς ἀπηύρα,	[240] Muitas vezes, mesmo uma cidade inteira sofre por um homem mau
ὅς κεν ἀλιτραίνῃ καὶ ἀτάσθαλα μηχανάαται.	[241] que se desvia e maquina ações presunçosas,
τοῖσιν δ᾽ οὐρανόθεν μέγ᾽ ἐπήγαγε πῆμα Κρονίων	[242] para eles, o céu envia o filho de Cronos, grande calamidade,
λιμὸν ὁμοῦ καὶ λοιμόν: ἀποφθινύθουσι δὲ λαοί.	[243] a fome e a peste juntas, para pereçam os povos,
οὐδὲ γυναῖκες τίκτουσιν, μινύθουσι δὲ οἶκοι	[244] nem suas mulheres geram, as casas se tornam poucas,
Ζηνὸς φραδμοσύνῃσιν Ὀλυμπίου:	[245] pelas habilidades de Zeus do Olimpo.

A ideia de que uma cidade inteira pode ser punida pelas divindades com o envio da peste e da guerra corresponde em parte ao flagelo sofrido pelos Aqueus no canto I da Ilíada. Ainda que Hesíodo atribua a Zeus a tarefa de executar o juízo sob a forma de fome e peste, o tom hesiódico é próximo ao adotado na Ilíada, em conexão ao deus Apolo. Em Édipo, outra ocorrência de tal noção. E pode-se dizer o mesmo da utilização da ideia em Demóstenes.

Em suma, a peste, conectada com a fome ou com a guerra, é, não por acaso, o elemento que desencadeia a ação narrativa da Ilíada porque ela parece corresponder às memórias coletivas de epidemias. Ela também é parte dos flagelos discernidos como terríveis para os gregos, ao lado da fome, da guerra e das catástrofes naturais. Soma-se, porém, o homem mau, detentor de alguma autoridade sobre os demais, como causa e/ou como agravador dos problemas relacionados às epidemias. Por outro lado, a solução passa pela associação em torno da solução do problema, sem ignorá-lo. Ontem e hoje...

Tradução: Ilíada 1.1-70

Homero, Ilíada 1.1-70	
[1] μῆνιν ἄειδε θεὰ Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος	[1] Canta, deusa, a ira de Aquiles, filho de Peleu,
[2] οὐλομένην, ἣ μυρί᾽ Ἀχαιοῖς ἄλγε᾽ ἔθηκε,	[2] mortífera, que aos Aqueus pôs numerosos sofrimentos,
[3] πολλὰς δ᾽ ἰφθίμους ψυχὰς Ἄϊδι προΐαψεν	[3] e muitas almas de fortes heróis enviou para o Hades
[4] ἡρώων, αὐτοὺς δὲ ἑλώρια τεῦχε κύνεσσιν	[4] e os fez presa de cães
[5] οἰωνοῖσί τε πᾶσι, Διὸς δ᾽ ἐτελείετο βουλή,	[5] e todos os pássaros; assim, o plano de Zeus se cumpriu,
[6] ἐξ οὗ δὴ τὰ πρῶτα διαστήτην ἐρίσαντε	[6] desde o primeiro momento em que eles se desentenderam,
[7] Ἀτρεΐδης τε ἄναξ ἀνδρῶν καὶ δῖος Ἀχιλλεύς.	[7] o filho de Atreu, rei dos homens, e o divino Aquiles.
[8] τίς τ᾽ ἄρ σφωε θεῶν ἔριδι ξυνέηκε μάχεσθαι;	[8] Quem, então, dos deuses provocou o conflito?
[9] Λητοῦς καὶ Διὸς υἱός: ὃ γὰρ βασιλῆϊ χολωθεὶς	[9] O filho de Leto e Zeus; pois ele, enfurecido contra o rei,
[10] νοῦσον ἀνὰ στρατὸν ὄρσε κακήν, ὀλέκοντο δὲ λαοί,	[10] despertou em todo o exército uma peste perversa, e o povo começou a perecer,

Homero, Ilíada 1.1-70	
[11] οὕνεκα τὸν Χρύσην	[11] porque contra o sacerdote
ἠτίμασεν ἀρητῆρα	Crisis desonrou
[12] Ἀτρεΐδης: ὃ γὰρ ἦλθε θοὰς	[12] o filho de Atreus; pois ele
ἐπὶ νῆας Ἀχαιῶν	havia chegado aos navios velozes dos Aqueus
[13] λυσόμενός τε θύγατρα	[13] para libertar a filha,
φέρων τ᾽ ἀπερείσι᾽ ἄποινα,	trazendo um resgate generoso,
[14] στέμματ᾽ ἔχων ἐν χερσὶν	[14] tendo nas mãos fitas de
ἑκηβόλου Ἀπόλλωνος	Apolo que atinge no alvo
[15] χρυσέῳ ἀνὰ σκήπτρῳ, καὶ	[15] e um cetro dourado, pediu
λίσσετο πάντας Ἀχαιούς,	para todos os Aqueus,
[16] Ἀτρεΐδα δὲ μάλιστα δύω,	[16] mais para os dois Atridas,
κοσμήτορε λαῶν:	líderes dos povos:
[17] Ἀτρεΐδαι τε καὶ ἄλλοι	[17] Atridas e também os outros
ἐϋκνήμιδες Ἀχαιοί,	Aqueus eucmênides,
[18] ὑμῖν μὲν θεοὶ δοῖεν	[18] que para vós os deuses que
Ὀλύμπια δώματ᾽ ἔχοντες	habitam as posses Olímpicas deem
[19] ἐκπέρσαι Πριάμοιο πόλιν,	[19] saquear a cidade de Príamo,
εὖ δ᾽ οἴκαδ᾽ ἱκέσθαι:	retornando bem para casa.
[20] παῖδα δ᾽ ἐμοὶ λύσαιτε	[20] Mas libertai a minha filha,
φίλην, τὰ δ᾽ ἄποινα δέχεσθαι,	o presente recebei,
[21] ἁζόμενοι Διὸς υἱὸν	[21] tendo reverência pelo filho de
ἑκηβόλον Ἀπόλλωνα.	Zeus, Apolo que atinge no alvo.
[22] ἔνθ᾽ ἄλλοι μὲν πάντες	[22] em seguida, todos os outros
ἐπευφήμησαν Ἀχαιοὶ	Aqueus assentiram com aplausos
[23] αἰδεῖσθαί θ᾽ ἱερῆα καὶ	[23] respeitar o sacerdote e
ἀγλαὰ δέχθαι ἄποινα:	receber o esplêndido resgate
[24] ἀλλ᾽ οὐκ Ἀτρεΐδῃ	[24] mas a coisa não agradou o
Ἀγαμέμνονι ἥνδανε θυμῷ,	coração de Agamenon, filho de Atreu,
[25] ἀλλὰ κακῶς ἀφίει,	[25] e ele o despediu
κρατερὸν δ᾽ ἐπὶ μῦθον ἔτελλε:	asperamente e impôs-lhe uma ordem severa:

Homero, Ilíada 1.1-70	
[26] μή σε γέρον κοίλῃσιν ἐγὼ παρὰ νηυσὶ κιχείω	[26] Que eu não te encontre, velho, junto às naus côncavas
[27] ἢ νῦν δηθύνοντ᾽ ἢ ὕστερον αὖτις ἰόντα,	[27] demorando agora ou vindo novamente mais tarde,
[28] μή νύ τοι οὐ χραίσμῃ σκῆπτρον καὶ στέμμα θεοῖο:	[28] não há, agora, em teu favor, cetro e fita do deus que o defenda;
[29] τὴν δ᾽ ἐγὼ οὐ λύσω: πρίν μιν καὶ γῆρας ἔπεισιν	[29] Eu não a libertarei: antes disso, ela também ficará velha
[30] ἡμετέρῳ ἐνὶ οἴκῳ ἐν Ἄργεϊ τηλόθι πάτρης	[30] em minha casa, em Argos, distante da pátria
[31] ἱστὸν ἐποιχομένην καὶ ἐμὸν λέχος ἀντιόωσαν:	[31] enquanto se afadiga no tear e dorme no meu leito.
[32] ἀλλ᾽ ἴθι μή μ᾽ ἐρέθιζε σαώτερος ὥς κε νέηαι.	[32] Mas, agora, vá! Não me irrites, partirás salvo.
[33] ὣς ἔφατ᾽, ἔδεισεν δ᾽ ὁ γέρων καὶ ἐπείθετο μύθῳ:	[33] Então ele falou, e o velho foi tomado pelo medo e obedeceu à sua palavra.
[34] βῆ δ᾽ ἀκέων παρὰ θῖνα πολυφλοίσβοιο θαλάσσης:	[34] Ele saiu em silêncio ao longo da costa do alto mar
[35] πολλὰ δ᾽ ἔπειτ᾽ ἀπάνευθε κιὼν ἠρᾶθ᾽ ὁ γεραιὸς	[35] e, quando se afastou, o velho orou
[36] Ἀπόλλωνι ἄνακτι, τὸν ἠΰκομος τέκε Λητώ:	[36] ao soberano Apolo, a quem Leto, de belos cabelos, carregou:
[37] κλῦθί μευ ἀργυρότοξ᾽, ὃς Χρύσην ἀμφιβέβηκας	[37] Ouve-me, senhor do arco de prata, que tutela Crises
[38] Κίλλάν τε ζαθέην Τενέδοιό τε ἶφι ἀνάσσεις,	[38] e a santa Cila, e governa poderosamente sobre Tenedo,
[39] Σμινθεῦ εἴ ποτέ τοι χαρίεντ᾽ ἐπὶ νηὸν ἔρεψα,	[39] Esmiteu! Se alguma vez ao belo templo te pus um teto,
[40] ἢ εἰ δή ποτέ τοι κατὰ πίονα μηρί᾽ ἔκηα	[40] ou se em efeito então queimei para ti gordas coxas
[41] ταύρων ἠδ᾽ αἰγῶν, τὸ δέ μοι κρήηνον ἐέλδωρ:	[41] de touros ou de cabras, para mim se cumpra isto que peço:

Homero, Ilíada 1.1-70	
[42] τίσειαν Δαναοὶ ἐμὰ δάκρυα σοῖσι βέλεσσιν.	[42] que os Dânaos paguem por minhas lágrimas com as suas flechas.
[43] ὣς ἔφατ᾽ εὐχόμενος, τοῦ δ᾽ ἔκλυε Φοῖβος Ἀπόλλων,	[43] Então ele falou em oração, e Febo Apolo o ouviu.
[44] βῆ δὲ κατ᾽ Οὐλύμποιο καρήνων χωόμενος κῆρ,	[44] Desceu dos picos do Olimpo, caminhando, irado,
[45] τόξ᾽ ὤμοισιν ἔχων ἀμφηρεφέα τε φαρέτρην:	[45] segurando nos ombros o arco e a aljava coberta.
[46] ἔκλαγξαν δ᾽ ἄρ᾽ ὀϊστοὶ ἐπ᾽ ὤμων χωομένοιο,	[46] As flechas sacudiram nos ombros do deus irado
[47] αὐτοῦ κινηθέντος: ὃ δ᾽ ἤϊε νυκτὶ ἐοικώς.	[47] enquanto ele se movia: ele veio como a noite.
[48] ἕζετ᾽ ἔπειτ᾽ ἀπάνευθε νεῶν, μετὰ δ᾽ ἰὸν ἕηκε:	[48] Então, sentou à distância das naus, lançou uma seta:
[49] δεινὴ δὲ κλαγγὴ γένετ᾽ ἀργυρέοιο βιοῖο:	[49] terrível tornou-se o som agudo do arco de prata.
[50] οὐρῆας μὲν πρῶτον ἐπῴχετο καὶ κύνας ἀργούς,	[50] Ele atacou primeiro as mulas e os cães velozes,
[51] αὐτὰρ ἔπειτ᾽ αὐτοῖσι βέλος ἐχεπευκὲς ἐφιεὶς	[51] mas depois ele soltou suas flechas ardentes neles
[52] βάλλ᾽: αἰεὶ δὲ πυραὶ νεκύων καίοντο θαμειαί.	[52] e atacou; e constantemente as piras dos mortos queimavam espessas.
[53] ἐννῆμαρ μὲν ἀνὰ στρατὸν ᾤχετο κῆλα θεοῖο,	[53] Por nove dias, as setas do deus foram lançadas sobre os exércitos,
[54] τῇ δεκάτῃ δ᾽ ἀγορὴν δὲ καλέσσατο λαὸν Ἀχιλλεύς:	[54] mas no décimo dia de Aquiles convocou o povo para a assembleia,
[55] τῷ γὰρ ἐπὶ φρεσὶ θῆκε θεὰ λευκώλενος Ἥρη:	[55] pois a deusa Hera, de armas brancas, o colocou em seu coração,

Homero, Ilíada 1.1-70	
[56] κήδετο γὰρ Δαναῶν, ὅτι ῥα θνήσκοντας ὁρᾶτο.	[56] desde que ela teve pena dos Dânaos, quando ela os viu morrendo.
[57] οἳ δ᾽ ἐπεὶ οὖν ἤγερθεν ὁμηγερέες τε γένοντο,	[57] Quando eles foram levantados, reunindo-se, aconteceu que
[58] τοῖσι δ᾽ ἀνιστάμενος μετέφη πόδας ὠκὺς Ἀχιλλεύς:	[58] levantou-se e falou com eles Aquiles de pés velozes:
[59] Ἀτρεΐδη νῦν ἄμμε παλιμπλαγχθέντας ὀΐω	[59] Atreus, agora eu, de minha parte, penso em dirigir de volta
[60] ἂψ ἀπονοστήσειν, εἴ κεν θάνατόν γε φύγοιμεν,	[60] e voltar frustrados para casa, se podemos escapar da morte,
[61] εἰ δὴ ὁμοῦ πόλεμός τε δαμᾷ καὶ λοιμὸς Ἀχαιούς:	[61] se a guerra e a pestilência igualmente devastam os Aqueus.
[62] ἀλλ᾽ ἄγε δή τινα μάντιν ἐρείομεν ἢ ἱερῆα	[62] Mas vá, em efeito, e pergunte para algum vidente ou sacerdote
[63] ἢ καὶ ὀνειροπόλον, καὶ γάρ τ᾽ ὄναρ ἐκ Διός ἐστιν,	[63] ou para quem interpreta sonhos, pois também o sonho é de Zeus,
[64] ὅς κ᾽ εἴποι ὅ τι τόσσον ἐχώσατο Φοῖβος Ἀπόλλων,	[64] que diga por que Febo Apolo se irou,
[65] εἴτ᾽ ἄρ᾽ ὅ γ᾽ εὐχωλῆς ἐπιμέμφεται ἠδ᾽ ἑκατόμβης,	[65] se nos repreende por causa de uma promessa ou de uma hecatombe,
[66] αἴ κέν πως ἀρνῶν κνίσης αἰγῶν τε τελείων	[66] se com o fumegar de ovelhas e cabras perfeitas
[67] βούλεται ἀντιάσας ἡμῖν ἀπὸ λοιγὸν ἀμῦναι.	[67] ele decide nos livrar, afastando a ruína.
[68] ἤτοι ὅ γ᾽ ὣς εἰπὼν κατ᾽ ἄρ᾽ ἕζετο: τοῖσι δ᾽ ἀνέστη	[68] Falando assim, voltou a sentar-se. Então, levantou-se entre eles

Homero, Ilíada 1.1-70	
[69] Κάλχας Θεστορίδης οἰωνοπόλων ὄχ᾽ ἄριστος,	[69] Calcas, filho de Testor, de longe o melhor dos adivinhos
[70] ὃς ᾔδη τά τ᾽ ἐόντα τά τ᾽ ἐσσόμενα πρό τ᾽ ἐόντα	[70] que saberia de todas as coisas – as que são, as que serão e as que foram

Referências Bibliográficas

ATKINSON, J. E. Turning Crises into Drama: The Management of Epidemics in Classical Antiquity. *Acta Classica* 44, 2001, p. 35-52.

BLICKMAN, D. S. The Role of the Plague in the "Iliad". *Classical Antiquity* 6 (1), 1987, p. 1-10

BEEKES, R. S. P. Etymological Dictionary of Greek. Leiden, Boston: Brill, 2010.

BROCK, R. Greek Political Imagery from Homer to Aristotle. London: Bloomsbury, 2013.

CHANTRAINE, P. Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots. Paris: Klincksieck, 1968.

KIRK, G. S. The Iliad: A Commentary. Volume 1. Books 1-4. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MICHELAKIS, P. Naming the Plague in Homer, Sophocles, and Thucydides. *American Journal of Philology* 140 (3), 2019, p. 381-414.

READY, J. L. Character, Narrator and Simile in the Iliad. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

SUTHERLAND, C. "Archery in the Homeric Epics." Classics Ireland 8, 2001, p. 111-120.

Capítulo IV
A Peste de Xerxes

A "peste de Xerxes" foi o surto de disenteria que, de acordo com o historiador grego Heródoto, atingiu o exército persa no final de 480 a.C. em sua retirada da Grécia para a Ásia Menor.

Depois de vencer nas Termópilas, invadir o norte do istmo de Corinto e até mesmo ocupar Atenas em agosto de 480, o governante persa Xerxes, filho de Dario I e Atossa foi impedido de conquistar a Grécia. Lutando nas águas estreitas perto de Salamina, a frota persa não conseguiu obter vantagem com seu grande número de naus e foi facilmente derrotada pela armada grega em setembro.

Xerxes, depois de enviar para casa a sua marinha derrotada, marchou para o norte com um contingente de soldados, muitos dos quais sofreram desnutrição, fome e doenças (disenteria e / ou praga).

O relato de Heródoto em *Histórias*, livro 8, afirma que os persas comiam grama, folhas e cascas de árvores por falta de suprimentos e que os doentes eram deixados para trás enquanto Xerxes voltava para casa. Em relação às duas doenças, identificadas no texto, a disenteria é mais fácil de ser identificada. Ainda assim, é importante notar que é a segunda vez neste curso que vemos o binômio "peste-disenteria": isso foi visto na descrição da peste dos filisteus.

Epidemis_miolo.indd 53 23/09/20 15:57

Sobre a historiografia herodoteana

Heródoto é de Halicarnasso, cidade da região da Cária, na Jônia. Ele nasceu por volta de 484 a. C., época em que a Cária pertencia ao império persa. Em 443 a.C., ele se transferiu para Túrio, tendo ajudado a colonizar essa cidade. Ele morreu em em aproximadamente 425 a.C. A obra *Histórias* foi escrita por volta de 440 a.C., no breve período de paz entre Atenas e Esparta. O assunto principal da obra é a guerra entre o gregos e os persas.

Histórias é um longo relato em prosa, dividido (posteriormente) em nove livros. O prólogo da obra indica o que o autor se propõe a fazer. Em seguida, há, nos cinco primeiros livros, uma descrição de vários povos e episódios. Nos livros seis, sete, oito e nove, a guerra entre gregos e persas é narrada.

O nome da obra é tirado da frase de apresentação do prólogo: Ἡροδότου Ἁλικαρνησσέος ἱστορίης ἀπόδεξις ἥδε [*Hērodótou Halikarnesséos historíēs apódexis hḗde*] ("Esta é a exposição/demonstração da investigação/pesquisa de Heródoto de Halicarnasso"). A palavra grega ἱστορίη [*historíē*] significa investigação/pesquisa. Logo, a obra de Heródoto é uma *performance* pública dos resultados da investigação do autor sobre múltiplas identidades, com destaque à grega e persa.

Heródoto promoveu o exame de culturas próximas e distantes e as forças que as moldaram. Essa parece ter sido não apenas a sua *práxis*, mas a sua propensão intelectual antes mesmo de transformá-la em um gênero literário, uma vez que a tradição em torno do autor o apresenta como um viajante. Assim, a sua "exposição de pesquisa" (ἱστορίης ἀπόδεξις [*historíē apódexis*]) procura comunicar não apenas o que aconteceu (τὰ πραχθέντα [*tà prachthénta*]/τὰ γενόμενα [*tà genómena*]), mas também o pano de fundo dos pensamentos e percepções que moldaram esses eventos e são importantes para a interpretação. O autor o faz mediante o evitamento do acréscimo de fatos, esquecimento (τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα [*tôi*

chrónōi exítēla – "alguma coisa desaparecida no decorrer do tempo"]) ou parcialidade. O método que ele adota envolve a escuta (ἀκοή [*akoḗ*]) das coisas contadas/ditas (τὰ λεγόμενα [*tà legómena*]); a observação dos eventos (ὄψις [ópsis]); e o julgamento das informações recebidas (γνῶμαι [*gnômai*]).

Tradução do texto

Heródoto, Histórias 8.115.1-4		
1	ὃ μὲν δὴ δεξάμενος τὸ ῥηθὲν ἀπαλλάσσετο, Ξέρξης δὲ Μαρδόνιον ἐν Θεσσαλίῃ καταλιπὼν αὐτὸς ἐπορεύετο κατὰ τάχος ἐς τὸν Ἑλλήσποντον, καὶ ἀπικνέεται ἐς τὸν πόρον τῆς διαβάσιος ἐν πέντε καὶ τεσσεράκοντα ἡμέρῃσι, ἀπάγων τῆς στρατιῆς οὐδὲν μέρος ὡς εἰπεῖν.	O arauto, por um lado, recebeu a resposta e partiu. Xerxes, por outro lado, deixou Mardônio na Tessália e percorreu rapidamente em direção ao Helesponto, e chegou em quarenta e cinco dias ao local de travessia, liderando um exército reduzido a nada, como se diz.
2	ὅκου δὲ πορευόμενοι γινοίατο καὶ κατ᾽ οὕστινας ἀνθρώπους, τὸν τούτων καρπὸν ἁρπάζοντες ἐσιτέοντο: εἰ δὲ καρπὸν μηδένα εὕροιεν, οἳ δὲ τὴν ποίην τὴν ἐκ τῆς γῆς ἀναφυομένην καὶ τῶν δενδρέων τὸν φλοιὸν περιλέποντες καὶ τὰ φύλλα καταδρέποντες κατήσθιον, ὁμοίως τῶν τε ἡμέρωι καὶ τῶν ἀγρίων, καὶ ἔλειπον οὐδέν: ταῦτα δ᾽ ἐποίεον ὑπὸ λιμοῦ.	Em alguns lugares, eles marchavam contra aqueles homens, apreendendo os seus produtos, os devoravam: e, se não encontrassem nenhum produto, eles arrancariam o mato que cresce no campo ou descascariam a casca das árvores, ou arrancariam as folhas das árvores – tanto as domésticas quanto as selvagens, sem deixar nada – o fariam por causa da fome.

3	ἐπιλαβὼν δὲ **λοιμός** τε τὸν στρατὸν καὶ **δυσεντερίη** κατ᾽ ὁδὸν ἔφθειρε. τοὺς δὲ καὶ νοσέοντας αὐτῶν κατέλειπε, ἐπιτάσσων τῇσι πόλισι, ἵνα ἑκάστοτε γίνοιτο ἐλαύνων, μελεδαίνειν τε καὶ τρέφειν, ἐν Θεσσαλίῃ τε τινὰς καὶ ἐν Σίρι τῆς Παιονίης καὶ ἐν Μακεδονίῃ.	Além disso, uma **praga** e **disenteria** destruía o exército ao longo do caminho. Os seus doentes foram deixados para trás, tendo ordenado às cidades que ele passava que cuidassem deles e os alimentassem: alguns ele deixou na Tessália, outros em Siris de Paiônis, e outros na Macedônia.
;4	ἔνθα καὶ τὸ ἱρὸν ἅρμα καταλιπὼν τοῦ Διός, ὅτε ἐπὶ τὴν Ἑλλάδα ἤλαυνε, ἀπιὼν οὐκ ἀπέλαβε, ἀλλὰ δόντες οἱ Παίονες τοῖσι Θρήιξι ἀπαιτέοντος Ξέρξεω ἔφασαν νεμομένας ἁρπασθῆναι ὑπὸ τῶν ἄνω Θρηίκων τῶν περὶ τὰς πηγὰς τοῦ Στρυμόνος οἰκημένων.	Em Siris, ele havia deixado, quando estava indo contra a Grécia, a carruagem consagrada a Zeus, mas, em seu retorno, ele não conseguiu recuperá-la, porque os peônios a deram aos trácios e, quando Xerxes a reivindicou, eles disseram que enquanto estavam pastando, [os cavalos] foram capturados pelos trácios do norte, que residem perto das fontes do Estrimão.

Etnicidade e epidemia: a perspectiva de Heródoto e outros autores em relação aos persas

Há no texto um claro exagero de Heródoto, que visa destacar a grandeza do desastre persa. Tal desastre é crescente, sendo inversamente proporcional ao avanço avassalador dos persas

no início da campanha contra os gregos. Marcus Iunianus Iustinus, historiador romano do século II d.C., afirma em *Historiae Philippicae* 2.13.8-12:

Justino, Historiae Philippicae 2.13.8-12	
*Ille perculsus nuntio, tradit ducibus milites perducendos, ipse cum paucis Abydon contendit. Ubi quum solutum pontem hibernis tempestatibus offendisset, piscatoria scapha trepidus traiecit. Erat res spectaculo digna et aestimatione sortis humanae, rerum varietatem irandae, inexiguo latentem videre navigio, quem paulo ante vix aequor omne capiebat; carentem etiam omni servorum ministerio, cuius exercitus propter multitudinem terris graves erant. Nec pedestribus copiis, quas ducibus assignaverat, felicius iter fuit: siquidem quotidiano labori que enim ulla est metuentibus quies) etiam fames accesserat. **Multorum deinde dierum inopia contraxerat et** pestem**; tantaque foeditas morientium fuit, ut viae cadaveribus implerentur, alitesque et bestiae, [escae] illecebris sollicitatae, exercitum sequerentur.**	Ele [Xerxes], alarmado com a mensagem, deixou seu exército para ser conduzido por seus generais e se afastou, com alguns atendentes, para Abydos; Onde, tendo encontrado a ponte quebrada pelas tempestades de inverno, ele a atravessou com a maior apreensão em um barco de pesca. Era uma visão digna de contemplação para julgar a condição do homem, tão maravilhoso por suas vicissitudes, vê-lo encolhendo-se em um pequeno barco, que pouco antes de todo o oceano mal podia conter; eis que ele queria que servos o atendessem, cujos exércitos haviam sobrecarregado a terra com seu número! Nem as forças terrestres, que ele havia comprometido com seus generais, tiveram mais sorte; pois a sua fadiga diária (e não há descanso para os homens com medo) foi acrescentada a falta de provisões. **Uma fome de vários dias**

Justino, Historiae Philippicae 2.13.8-12	
	produziu também uma perturbação pestilenta**; e a mortalidade era tão terrível que as** estradas estavam cheias de cadáveres**; e pássaros e animais de rapina, movidos pela atração [do alimento], seguiam de perto o exército.**

Xerxes começou o retorno à Ásia com grande parte de suas tropas, como afirma Ésquilo (Persas 803-804) e Tucídides (História da Guerra do Peloponeso 1.73.5).

Ésquilo, Persas 803-804	
Δαρεῖος κεἴπερ τάδ᾽ ἐστί, **πλῆθος ἔκκριτον στρατοῦ** λείπει κεναῖσιν ἐλπίσιν πεπεισμένος.	Dario E se isso é assim, **uma multidão selecionada do exército** deixa para trás depois de [os] persuadir com falsas esperanças.

Tucídides, História da Guerra do Peloponeso 1.73.5	
[5] τεκμήριον δὲ μέγιστον αὐτὸς ἐποίησεν: νικηθεὶς γὰρ ταῖς ναυσὶν ὡς οὐκέτι αὐτῷ ὁμοίας οὔσης τῆς δυνάμεως κατὰ τάχος **τῷ πλέονι τοῦ στρατοῦ** ἀνεχώρησεν.	[5] A melhor prova disso foi fornecida pelo próprio invasor. Derrotado no mar, ele considerou que seu poder não era mais o que tinha sido e se retirou o mais rápido possível **com a maior parte de seu exército**.

O relato de Heródoto a respeito da retirada dos persas difere significativamente do relato de Ésquilo (Persas 481-483), mas as semelhanças são importantes. Em Heródoto, o exército persa também sofre com a sede que os atinge (e só a eles) na Beócia (Histórias 8.117.2).

Ésquilo, Persas 482-484	
Ἄγγελος στρατὸς δ᾽ ὁ λοιπὸς ἔν τε Βοιωτῶν χθονὶ διώλλυθ᾽, **οἱ μὲν ἀμφὶ** **κρηναῖον γάνος** **δίψῃ πονοῦντες**, οἱ δ᾽ ὑπ᾽ ἄσθματος κενοὶ	**Mensageiro** O exército restante perecia no território dos beócios, **sofrendo** **com a sede ao lado de uma** **fonte revigorante**, enquanto alguns de nós, exaustos e ofegantes

Heródoto, Histórias 8.117.2	
[2] (...) καὶ οὐδένα τε κόσμον ἐμπιπλάμενοι καὶ **ὕδατα** **μεταβάλλοντες ἀπέθνησκον** **τοῦ στρατοῦ τοῦ περιεόντος** **πολλοί**. οἱ δὲ λοιποὶ ἅμα Ξέρξῃ ἀπικνέονται ἐς Σάρδις.	[2] (...) então, devido às suas devastações imoderadas e à **mudança da água que eles** **bebiam, muitos do exército** **que sobreviveram, morreram**. O resto veio com Xerxes para Sardis.

Além disso, a travessia de todo o percurso é outro fator relevante. A viagem dos persas do Helesponto até Atenas, na ática, durou noventa dias.

Heródoto, Histórias 8.51.1	
ἀπὸ δὲ τῆς διαβάσιος τοῦ Ἑλλησπόντου, ἔνθεν πορεύεσθαι ἤρξαντο οἱ βάρβαροι, ἕνα αὐτοῦ διατρίψαντες μῆνα ἐν τῷ διέβαινον ἐς τὴν Εὐρώπην, **ἐν τρισὶ ἑτέροισι μησὶ ἐγένοντο ἐν τῇ Ἀττικῇ**, Καλλιάδεω ἄρχοντος Ἀθηναίοισι.	Desde a travessia do Helesponto, onde os bárbaros começaram sua jornada, eles passaram um mês lá atravessando a Europa e **em três meses estavam na Ática**, quando Calíades era arconte em Atenas

A viagem de volta dos persas até o Helesponto durou a metade do tempo, porque eles viajaram κατὰ τάχος [com pressa, rapidamente].

Heródoto, Histórias 8.115		
1	ὃ μὲν δὴ δεξάμενος τὸ ῥηθὲν ἀπαλλάσσετο, Ξέρξης δὲ Μαρδόνιον ἐν Θεσσαλίῃ **καταλιπὼν αὐτὸς ἐπορεύετο κατὰ τάχος ἐς τὸν Ἑλλήσποντον**, καὶ ἀπικνέεται **ἐς τὸν πόρον τῆς διαβάσιος ἐν πέντε καὶ τεσσεράκοντα ἡμέρῃσι**, ἀπάγων τῆς στρατιῆς οὐδὲν μέρος ὡς εἰπεῖν.	O arauto, por um lado, recebeu a resposta e partiu. Xerxes, por outro lado, deixou Mardônio na Tessália e **percorreu rapidamente em direção ao Helesponto**, e chegou **em quarenta e cinco dias ao local de travessia**, liderando um exército reduzido a nada, como se diz.

Dada a época do ano em que a retirada ocorreu, e levando em consideração que apenas quatro meses se passaram desde que os persas passaram pela Macedônia e pela Trácia, os problemas de provisionamento devem ter existido, sem afetar, contudo, as tropas que acompanharam Xerxes.

Logo, o que há no relato da peste que atinge os persas no caminho está relacionada ao cansaço provocado pela marcha rápida, a deficiência alimentar e a falta de água (ou mesmo de forças para tomá-la). Então, a patologia, provavelmente bacilar, era a **Shigelose** ou Disenteria Bacilar. Ela causa uma infecção aguda do intestino cujos sintomas incluem febre, náuseas, vômitos, tenesmo e diarreia, com fezes contendo muitas vezes sangue. Uma vez que essa patologia aparece principalmente no outono e afeta multidões sujas e desnutridas, é comum que as descrições de epidemias que atingem exércitos na Antiguidade relacionem a doença a essas causas, mesmo que eles não conheçam o patógeno.

O reconhecimento de que os soldados estavam acometidos de uma doença que cuja duração leva de quatro a oito dias explica a razão porque Xerxes, que tinha pressa em sua fuga, deixa os soldados para trás com recomendações para seus cuidados: alimentação.

Heródoto, Histórias 8.115.4		
3	ἐπιλαβὼν δὲ **λοιμός** τε τὸν στρατὸν καὶ **δυσεντερίη** κατ᾽ ὁδὸν ἔφθειρε. τοὺς δὲ καὶ νοσέοντας αὐτῶν κατέλειπε, ἐπιτάσσων τῇσι πόλισι, ἵνα ἑκάστοτε γίνοιτο ἐλαύνων, μελεδαίνειν τε καὶ τρέφειν, ἐν Θεσσαλίῃ τε τινὰς καὶ ἐν Σίρι τῆς Παιονίης καὶ ἐν Μακεδονίῃ.	Além disso, uma **praga** e **disenteria** destruía o exército ao longo do caminho. Os seus doentes foram deixados para trás, tendo ordenado às cidades que ele passava que cuidassem deles e os alimentassem: alguns ele deixou na Tessália, outros em Siris de Paiônis, e outros na Macedônia.

Ainda que a referência a Aulo Cornélio Celso seja tardia (25 a.C. a 50 d.C.), o tratamento da disenteria na Antiguidade permi-

te elucidar a razão da pressa de Xerxes. A aula 1, sobre a Peste dos Filisteus, por exemplo, mostrou tropas em movimento acometidas por hemorróidas advindas da disenteria (além de sugerir a ocorrência da peste). Celso, na obra *De medicina*, afirma:

Celso, *De medicina*, 4.22.1-3	
1 Proxima his inter intestinorum mala tormina esse consueverunt: **dysenteria Graece vocatur**. Intus intestina exulcerantur; ex his cruor manat isque modo cum stercore aliquo semper liquido, modo cum quibusdam quasi muccosis excernitur, interdum simul quae carnosa descendunt; frequens deiciendi cupiditas dolorque in ano est. p432 Cum eodem dolore exiguum aliquid emittitur atque eo quoque tormentum intenditur; idque post tempus aliquod levatur exiguaque requies est; somnus interpellatur; febricula oritur; longoque tempore id malum cum inveteravit, aut tollit hominem, aut, etiamsi finitur, excruciat.—	1 As doenças mais parecidas com as anteriores são as aderências, **chamadas de disenteria grega**. O interior do intestino ulcera; esse sangue escorre e às vezes é excretado com algumas fezes sempre líquidas, às vezes com uma espécie de muco, às vezes ao mesmo tempo algo semelhante a carne desce; há desejo frequente de evacuar e dor no ânus. Junto com esso dor, um movimento escasso é descarregado e, com isso, a dor é intensificada: e depois de um tempo, há algum alívio e um curto intervalo de facilidade; o sono é interrompido, a febre chega; quando a desordem continua por um longo tempo, ela carrega o paciente ou, mesmo que tenha chegado ao fim, à tortura.
2 Oportet inprimis conquiescere, siquidem omnis agitatio exulcerat; deinde	2 O descanso deve ser adotado desde o início, pois qualquer agitação provoca ulceração; em

ieiunium sorbere vini cyathum, cui contrita radix quinquefolii sit adiecta; imponere cataplasmata super ventrem, quae reprimunt, quod in superioribus ventris morbis non expedit; quotiensque desidit, subluere aqua calida, in qua decoctae verbenae sint; portulacam vel coctam vel ex dura muria esse; cibos potionesque eas, quae adstringunt alvum.	seguida, com o estômago vazio, deve beber um copo de vinho ao qual foi adicionada raiz de cinquefoil/ansarinha em pó; depois, emplastros repressivos são colocados no abdômen, o que, no caso de distúrbios do abdome superior, não é conveniente; sempre que o paciente for eliminar as fezes, ele deve banhar o ânus com água quente na qual as ervas foram fervidas; a beldroega deve ser consumida, cozida ou em conservada em salmoura forte; também alimentos e bebidas adstringentes ao intestino.
3 Si vetustior morbus est, ex inferioribus partibus tepidum infundere vel tisanae cremorem vel lac vel adipem liquatam vel medullam cervinam vel oleum vel cum rosa butyrum vel cum eadem album crudum ex ovis vel aquam, in qua lini semen decoctum sit, vel si somnus non accedit, vitellos cum aqua, in qua rosae floris folia cocta sint: levant enim dolorem haec et mitiora ulcera efficiunt, maximeque utilia sunt, si cibi quoque secutum fastidium est.	3 Se a morbidade for de longa duração, deve-se injetar no reto um creme morno de cevadinha, leite, gordura derretida, medula de veado ou azeite de oliva ou óleo de rosa com manteiga ou com ovo branco cru, ou uma decocção de linhaça, ou se o sono não ocorrer, gema de ovo em uma decocção de folhas de rosa: pois esses remédios aliviam a dor e atenuam a ulceração e são de especial utilidade se houver perda de apetite.

O texto de Heródoto corresponde à opinião geral dos gregos a respeito da personalidade de Xerxes e da natureza de sua relação com o exército a ele relacionado. Porém, há, no texto, um quadro que corresponde a uma perspectiva recorrente sobre surtos epidêmicos que atingem exércitos:

1) Os exércitos ficam mais vulneráveis em uma situação de fragilidade, caracterizada:
   a) Pela falta de alimentação;
   b) Pela falta de hidratação.
2) O texto mostra que os soldados foram acometidos de uma enfermidade que chamada de peste e disenteria. Uma vez que a peste (em grego, λοιμός) não pode ser determinada por qualquer elemento do texto, é possível elucidar as imagens e representações da disenteria.
3) Por ser a disenteria um quadro infeccioso cujo período de cura é de quatro a seis dias em sua ocorrência leve, a pressa de chegar ao Helesponto (o exército e Xerxes fizeram em quarenta e cinco dias o mesmo caminho que levaram três meses para percorrer), faz sentido. Observa-se alguma ligação entre o prazo de recuperação dos soldados e a urgência da fuga.
4) Heródoto concorda, em linhas gerais, com a descrição dos problemas na travessia dos persas citados em outras fontes, especialmente a peça Persas de Ésquilo. As diferenças, porém, mostram que ele seguiu uma tradição que não era esquiliana.
5) As relações entre a disenteria dos persas e as hemorróidas dos filisteus, provocadas pela disenteria, mostram uma noção presente no mundo antigo, especialmente mesopotâmico: os exércitos eram frequentemente acometidos de peste e de disenteria.

EXCERTO: Um resumo dos eventos em Heródoto, Histórias, livro 8

Parte 1: a batalha naval de Artemísia

O livro 8 das Histórias começa com a Batalha Naval em Artemísia – especificamente, com a lista dos navios gregos em Artemísia (1). Euríades, o espartano, está no comando da frota; por que os aliados não estavam dispostos a ter um ateniense no comando, mas eles mudaram de ideia mais tarde (2-3). Preocupada com os resultados das Termópilas, a frota grega quer recuar; mas Temístocles é subornado pelos eubeianos para permanecer e convencer a frota grega (4). Os comandantes espartanos e coríntios são destituídos por Temístocles, e suas objeções são acalmadas (5). A frota persa se prepara para atacar os gregos em Artemísia (6). Um destacamento de 200 navios persas tenta seguir pela Eubeia para surpreender os gregos (7). Um desertor pula de um navio persa e informa os gregos dos planos persas. A lenda popular de de que ele nadou 16 quilômetros é questionada por Heródoto. (8) No dia seguinte, os gregos decidem atacar a frota principal (9). A frota grega é cercada pelos navios inimigos. Uma comoção toma os gregos jônicos que atuam sob Xerxes, diante da frota grega cercada (10). Estratégia grega: formar um círculo estreito de navios, que avança para o exterior. A estratégia é bem sucedida (11). A noite cai, e com ela, outra tempestade violenta (12). A tempestade destrói o destacamento de 200 navios persas que navegam ao redor de Eubeia (13). 53 trirremes chegam de Atenas em reforço; ocorre uma pequena escaramuça (14). No dia seguinte, a frota persa ataca em massa, e em número crescente (15). Eles travam uma batalha inconclusiva com pesadas perdas de ambos os lados (16). Havia egípcios, do lado persa, e os atenienses, do lado grego (17).

Parte 2: Xerxes na Grécia: entre Termópilas e Salamina

A frota grega recua para o sul (18). Na praia de Eubeia, Temístocles planeja separar os gregos e cários jônicos da coalizão persa (19). Um oráculo é ignorado pelos eubeianos (20). As notícias da derrota em Termópilas chegam à frota grega, que segue para o sul (21). Em retirada da Eubeia, Temístocles deixa mensagens exortando os gregos jônicos a desertarem (22). A frota persa avança; Os persas ocupam a ponta norte da Eubeia (23). Xerxes organiza os cadáveres das Termópilas para parecerem como se a disputa tivesse sido equilibrada; depois, exibe esses cadáveres para as suas próprias tropas. Ninguém é enganado (24-25). Os persas reagem com surpresa ao saber que os Jogos Olímpicos não têm prêmios em dinheiro (26). Uma embaixada é enviada pelos tessálios aos fócios, uma vez que os fócios atacaram os tessálios em sua guerra fronteiriça antes da invasão persa (27-28). Os tessálios exigem uma rendição e ameaçam uma invasão persa a Fócis, no local do oráculo em Delfos (29). A recusa furiosa dos fócios é motivada pelo ódio à Tessália, não pelo sentimento pan-helênico (30). Fócis é invadida pelos persas sem qualquer batalha; as tropas persas cometem atrocidades contra as pessoas, propriedades e templos (31-33). Xerxes divide suas tropas; um contingente entra na Beócia, indo em direção a Atenas; outro vai em direção ao santuário de Delfos (34-35). Delfos é evacuada; Apolo diz que protegerá os tesouros do templo (36). Como os deuses atacaram as tropas persas (com a ajuda dos delfos) e os expulsaram (37-39). e ameaçam que os persas invadam o pequeno Phocis, o local do oráculo em Delfos (29). A recusa furiosa dos *fócios* é motivada pelo ódio à Tessália, não pelo sentimento pan-helênico (30). Fócis é invadida pelos persas sem batalha; atrocidades das tropas persas contra pessoas, propriedades e templos (31-33). Xerxes divide suas tropas; um contingente entra em Boeotia, indo para Atenas, enquanto o outro faz para o san-

tuário Delfos (34-35). Delfos é evacuada; Apolo diz que protegerá os tesouros do templo (36). Como os deuses atacaram as tropas persas e (com a ajuda dos delfos) os expulsaram (37-39).

Parte 3: Preliminares de Salamina; Xerxes na Acrópole de Atenas

Os atenienses planejam evacuar a Ática e manter a frota grega em Salamina; mas os peloponésios planejam se posicionar mais ao sul, no Istmo de Corinto (40). É tomada a decisão precipitada de evacuar a Ática (41). A frota grega é reforçada a partir para Trezena (42). Catálogo das forças navais gregas em Salamina (43-48). 43 – peloponésios; 44 – atenienses (e como os plateus foram deixados para trás); 45 – megarianos; 46 – eginetas e outros ilhotas; 47 – um navio de Crotona; 48 – contingentes sem trirreme; o total é de 378 navios. Um conselho de guerra é realizado em Salamina, e os peloponésios desejam uma retirada para o istmo (49). Os gregos de Salamina descobrem que Xerxes está em Atenas; Téspia e Plateia são destruídas. Uma data é dada: o arcontado de Calíades (480 a.C.) (50). Os persas encontram alguns atenienses barricados na Acrópole, e esses atenienses acham que eles são os "muros de madeira" do oráculo (51). Dificuldade de Xerxes em tomar a Acrópole (52). A Acrópole é tomada; os templos são saqueados e destruídos (53). Alguns exilados atenienses no acampamento de Xerxes sacrificam na Acrópole; o milagroso crescimento de uma oliveira no Erecteum (54-55). O conselho de Salamina vota uma retirada para o istmo (56). Temístocles é instado por Mnesífilo, um ateniense, a impedir esse recuo (57). Temístocles convence Euribíades, o comandante espartano, a reunir novamente o conselho (58). Atrito entre Temístocles e Coríntios (59). Temístocles defende as vantagens estratégicas da luta nas águas estreitas perto de Salamis (60). Os

coríntios debatem-se furiosamente com Temístocles, chamando-o de "homem sem pátria", mas Temístocles mantém sua posição (61). Temístocles apela e sugere que a frota ateniense pode abandonar a aliança (62). Euribíades está convencido; o conselho decide lutar em Salamina (63). Terremoto e orações (64). A história contada por Tipeu, ateniense, sobre a aparição divina da procissão para Deméter e Koré; claramente um mau presságio para Xerxes (65). A frota persa se aproxima de Salamina; A frota de Xerxes aumenta com as chegadas recentes (66). Xerxes realiza uma conferência com seus comandantes, todos os quais favorecem uma luta no mar em Salamina, exceto a rainha Artemísia de Halicarnasso (67). Artemísia sabiamente pede a Xerxes que espere e permita que a frágil coalizão pan-helênica se desintegre; ela ressalta a inutilidade de algumas das forças aliadas dele (68). Xerxes está satisfeito com o conselho de Artemísia, mas decide não segui-lo (69). A frota persa prossegue em direção a Salamis; a frota grega parece encurralada (70). Muro construído sobre o istmo de Corinto – diferentes peloponésios participaram da construção (71-72). Notas etnográficas sobre os peloponésios (73). Continua o debate em Salamis, já que alguns comandantes peloponésios querem se retirar para o istmo (74). Temístocles envia um agente duplo para Xerxes. O homem diz a Xerxes que ele é um desertor, que os gregos estão desarrumados e prestes a recuar, e que um ataque persa rápido teria certeza de sucesso (75). Xerxes engole a isca. Tropas persas desembarcam em Psitaleia para matar qualquer grego naufragado que possa nadar até a terra, e a frota persa está posicionada para bloquear a saída da baía (76). Uma defesa da veracidade dos oráculos (77). As posições da frota persa são desconhecidas para os gregos (78). Aristides (o político ateniense) chega a Salamina e diz a Temístocles que a frota grega está cercada (79). Temístocles pede que ele conte aos comandantes aliados ele mesmo (80). Aristides faz isso, mas os comandantes não acreditam (81). Seu relato é confirmado pela tripulação de um navio da ilha de Tenos; por causa disso,

os tenianos foram tiveram seus nomes inscritos no tripé da vitória, em Delfos (82).

Parte 4: A batalha naval em Salamina

Os gregos se preparam para lutar; Temístocles exorta os homens (83). A batalha começa. Uma controvérsia ateniense / egineta sobre qual navio atacou primeiro (84). Disposição de navios (da perspectiva grega): atenienses à direita contra fenícios, espartanos à esquerda contra jônios. Dois capitães persas se distinguiram (85). Sucesso geral dos gregos, especialmente atenienses e eginetas (86). Como Artemísia escapou da morte atingindo um navio do seu lado (87). Sua sorte em se livrar, e como Xerxes assistia ao combate da costa (88). As baixas ocorrem em ambos os lados; mas a capacidade dos gregos de nadar salva muitos deles (89). Como alguns capitães fenícios, cujos navios foram afundados acidentalmente ao seu lado, tentaram culpar os jônios, e eles foram executados quando um navio samotrácio provou a lealdade dos jônios a Xerxes (90). A frota persa está confusa; incrivelmente, os atenienses e eginetas cooperam entre si (91). Como Polícrito, o egineta, provou a si mesmo e censurou Temístocles por duvidar dele (92). Outros que se destacaram na batalha (93). Uma história ateniense, de que os coríntios tentaram sair da batalha e tiveram que recuar pela intervenção divina, é firmemente rejeitada por Heródoto e pelo resto da Grécia (94). Durante a batalha, Aristides usa alguns hoplitas para retomar Psitaleia (95). A batalha termina com a retirada daqueles navios persas ainda não destruídos; outra profecia é cumprida (96). Xerxes planeja retornar à Pérsia; seu ardil para fazer parecer que ele pretende ficar (97). A frota persa está confusa; incrivelmente, os atenienses e eginetas cooperam entre si (91). Como Polícrito, o egineta, provou o seu valor e censurou Temístocles por duvidar dele (92). Outros que se des-

tacaram na batalha (93). Uma história ateniense, de que os coríntios tentaram sair da batalha e tiveram que ser recuados pela intervenção divina, é firmemente rejeitada por Hdt. e o resto da Grécia (94). Durante a batalha, Aristides usa alguns hoplitas para retomar Psitaleia (95). A batalha termina com a retirada daqueles navios persas ainda não destruídos; outra profecia é cumprida (96). Xerxes planeja retornar à Pérsia; seu ardil é fazer parecer que ele pretende ficar (97).

Parte 5: As consequências de Salamina e o recuo de Xerxes

Xerxes envia uma mensagem para casa (98). A alegria de Susã pela captura de Atenas se transforma em luto pela derrota em Salamina (99). Mardônio, para se proteger, pede a Xerxes que continue lutando na Grécia, ou que volte para casa e o deixe, Mardônio, no comando de 300.000 soldados (100). Xerxes consulta Artemísia sobre a oferta de Mardônio (101). Artemísia aconselha que ele deixe Mardônio no comando, pois ele não terá nada a perder, mesmo que Mardônio falhe; Xerxes concorda (102-103). A história do eunuco Hermotimo, de Xerxes, e a terrível vingança dele contra o homem que o castrou (104-106). A frota persa recua (107). Temístocles propõe que eles naveguem até o Helesponto e quebrem as pontes; Euribíades argumenta contra isso, e afirma que Xerxes será mais perigoso preso na Europa (108). Temístocles concorda e salienta que os deuses puniram Xerxes por suas ações ímpias e arrogantes (109). Temístocles supostamente tem um motivo oculto, a saber, a futura boa vontade de Xerxes, caso ele precise. Ele envia uma mensagem secreta a Xerxes informando-o de como ele, Temístocles, convenceu os gregos a não impedir a sua retirada (110). A ilha de Andros se recusa a contribuir com dinheiro para a causa grega e é cercada pelos aliados, liderados por Atenas (111). Temístocles usa a sua posição para extorquir dinheiro de outras ilhas (112). O exército

persa recua para o norte, para a Tessália; Mardônio seleciona suas tropas (113). Uma demanda dos espartanos por reparações é ridicularizada por Xerxes com uma ameaça (114). A marcha de Xerxes de volta ao Helesponto; muitas mortes no exército por pragas e fome (115). A história do rei trácio que cegou seus filhos por servirem a Xerxes (116). O exército atravessa o Helesponto embarcado em navios, uma vez que as pontes foram destruídas por tempestades (117). Heródoto alega conhecer uma história de que Xerxes navegou todo o caminho de volta para casa em um navio, e fez a sua comitiva pular no mar para aliviar o navio em uma tempestade (118). A veracidade da história é questionada por Heródoto (119). Mais evidências em apoio à versão de Heródoto do retorno de Xerxes à Ásia Menor (120). Os gregos fazem oferendas a Delfos em agradecimento pela vitória em Salamina. Apolo exige uma oferta adicional dos eginetas (121-22). Uma votação realizada para decidir o general mais importante da batalha, mas o sufrágio é inconclusiva, porque cada comandante vota em si mesmo; mas todos eles votam em Temístocles o segundo lugar (123). Temístocles visita Esparta e é muito honrado lá (124). Como Temístocles reprimiu um detrator em Atenas (125).

Parte 6: Os persas no norte da Grécia

Artabazo escolta Xerxes através da Trácia, e decide retomar Potideia e Olinto (126). Olinto cai (127). Como Artabazo trocou uma mensagem secreta com um cúmplice dentro de Potideia. O agente é descoberto; muitos persas morrem. Os persas abandonam o cerco a Potideia (128-129). Na primavera, o que resta da frota persa permanece em Samos, sem voltar para a Grécia (130). A frota grega navega para Egina sob os Leotíquidas, o espartano; sua genealogia (131). Os comandantes da frota são instados pelos jônios a navegar contra os persas em Samos; mas o medo mútuo mantém ambas as frotas em lados opostos do mar Egeu (132).

Mardônio envia seu agente *Mys* ("Rato") para consultar os oráculos (133). Vários sítios oraculares são visitados por *Mys*; os tessalonicenses não têm permissão para consultar o oráculo de Anfiarau (134). Um oráculo foi entregue a Mardônio na Cária (135). Mardônio envia Alexandre da Macedônia para negociar com Atenas (136). Uma história sobre a infância do ancestral de Alexandre, Pérdicas (137-38). Árvore genealógica de Alexandre (139). Alexandre se dirige aos atenienses, pedindo-lhes que aceitem um acordo honroso com Xerxes ou enfrentem a destruição (140). Por que alguns enviados espartanos estavam em Atenas na época do apelo de Alexandre (141). Discurso dos enviados espartanos, exortando os atenienses a não fazerem uma paz separada com Mardônio e Xerxes (142). Os atenienses rejeitam a oferta de Mardônio, citando a sua confiança em sua bravura e nos deuses (143). Em resposta aos enviados espartanos, os atenienses os lembram dos sacrifícios que Atenas fez pela Grécia.

Referências Bibliográficas

BARAGWANATH, E. *Motivation and Narrative in Herodotus*. Oxford: Oxford Classical Monographs, 2008.

BOWIE, E. *Herodotus – Narrator, Scientist, Historian*. Berlin: de Gruyter, 2018.

HERÓDOTO. História. Livros VIII-IX. Trad. C. Schrader. Madrid: Gredos, 2002.

HERÓDOTO. Histórias. Trad. de J. Brito Broca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

LATEINER, D. The Historical Method of Herodotus. Toronto: University of Toronto Press, 2016.

PEELING, C. Herodotus and the Question Why. Austin: University of Texas Press, 2019.

SHEEHAN, S. *A Guide to Reading Herodotus' Histories*. London, New York: Bloomsbury Academic, 2018.

Capítulo V

Epidemia de Caxumba de Tassos (410 a.C.)

HIPÓCRATES, Epidemias 1.1

ἐν Θάσῳ φθινοπώρου περὶ ἰσημερίην καὶ ὑπὸ πληιάδα ὕδατα πολλά, συνεχέα μαλθακῶς, ἐν νοτίοις. χειμὼν νότιος, σμικρὰ βόρεια, αὐχμοί: τὸ σύνολον ἔς γε χειμῶνα οἷον ἔαρ γίνεται. ἔαρ δὲ νότιον ψυχεινόν, σμικρὰ ὕσματα. θέρος ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ ἐπινέφελον. ἀνυδρίαι. ἐτησίαι ὀλίγα, σμικρά, διεσπασμένως ἔπνευσαν.

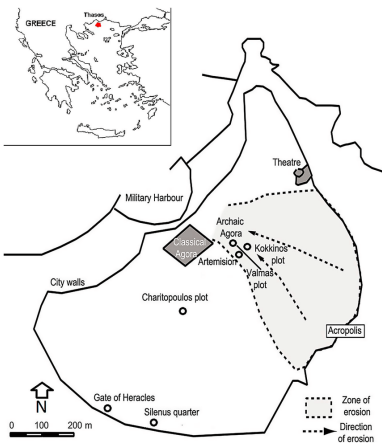
γενομένης δὲ τῆς ἀγωγῆς ὅλης ἐπὶ τὰ νότια καὶ μετ᾽ αὐχμῶν, πρωὶ μὲν τοῦ ἦρος ἐκ τῆς πρόσθεν καταστάσιος ὑπεναντίης καὶ βορείου γενομένης ὀλίγοις ἐγίνοντο καῦσοι καὶ τούτοισι πάνυ εὐσταθέες, καὶ ὀλίγοις ᾗμορράγει οὐδ᾽ ἀπέθνῃσκον ἐκ τούτων. ἐπάρματα δὲ παρὰ τὰ ὦτα πολλοῖσιν ἑτερόρροπα καὶ ἐξ ἀμφοτέρων, τοῖσι πλείστοισιν ἀπύροισιν ὀρθοστάδην: ἔστι δὲ οἳ καὶ σμικρὰ ἐπεθερμαίνοντο. κατέσβη πᾶσιν ἀσινέως οὐδ᾽ ἐξεπύησεν οὐδενὶ ὥσπερ τὰ ἐξ ἄλλων προφασίων. ἦν δὲ ὁ τρόπος αὐτῶν χαῦνα, μεγάλα, κεχυμένα, οὐ μετὰ φλεγμονῆς, ἀνώδυνα: πᾶσιν ἀσήμως ἠφανίσθη. ἐγίνετο δὲ ταῦτα μειρακίοισι, νέοισιν, ἀκμάζουσι, καὶ τούτων τοῖσι περὶ παλαίστρην καὶ γυμνάσια πλείστοισι: γυναιξὶ δὲ ὀλίγῃσιν ἐγίνετο. πολλοῖσι δὲ βῆχες ξηραὶ βήσσουσι καὶ οὐδὲν ἀνάγουσιν: φωναὶ βραγχώδεες. οὐ μετὰ πολύ, τοῖσι δὲ καὶ μετὰ χρόνον, φλεγμοναὶ μετ᾽ ὀδύνης ἐς ὄρχιν ἑτερόρροποι, τοῖσι δὲ ἐς ἀμφοτέρους. πυρετοὶ τοῖσι μέν, τοῖσι δ᾽

οὔ. ἐπιπόνως ταῦτα τοῖσι πλείστοισι. τὰ δ᾽ ἄλλα ὅσα κατ᾽ ἰητρεῖον ἀνόσως διῆγον.

Em Tassos, no outono, no momento em que são iguais o dia e a noite, e durante as Plêiades, há muitas chuvas, constantes, suaves, com ventos meridionais. O inverno é meridional, com ventos setentrionais, secos. No geral, o inverno é como uma primavera. E a primavera é meridional, fresca, com chuvas leves. O verão, em geral, é nublado. Sem chuva. Poucos ventos etesianos, leves e irregulares.

O tempo sempre era meridional, com secas, no começo da primavera, depois da condição anterior, que se mostrou oposta e setentrional, a alguns sobreveio febre alta, mesmo as muito benignas, com hemorragia em poucos casos e sem mortes. E um inchaço ao lado de uma orelha, ou de ambas, na maioria dos casos sem febre, de modo que o confinamento na cama era desnecessário. Em alguns casos, houve uma febre leve. Mas para todos os inchaços diminuíram sem causar danos; em nenhum caso houve supuração, como ocorre em inchaços de outra origem. Esse era o caráter dos inchaços: flácidos, grandes, espalhados, sem inflamação nem dor; em todos os casos eles desapareceram sem marcas. Os que sofriam eram os moços, jovens homens e homens em seu auge, geralmente aqueles que frequentavam a palestra e os ginásios. Porém, em mulheres, poucas foram acometidas. Muitos tinham tosses secas que não traziam nada quando tossiam, mas suas vozes ficavam roucas. Logo depois, embora em alguns casos após algum tempo, ocorriam inflamações dolorosas em um testículo ou em ambos, às vezes acompanhadas de febre, em outros casos não. Geralmente elas causavam muito sofrimento. Porém, no que se refere ao consultório médico, eles permaneciam livres da enfermidade.

O primeiro registro de surto de caxumba (*parotitis epidemica*), descrita na obra Epidemias, ocorreu no final do século V a.C. (talvez por volta de 410).



A ilha de Tassos está situada no Mar Egeu, sendo a maior ilha do norte.

A ilha é conhecida por ter sido importante na época da resistência contra os persas na Revolta Jônica, pela sua participação na Liga de Delos e pela tentativa de sair da liga, o que acarretou o ataque ateniense, que fizeram um cerco à ilha que durou mais de dois anos. Os atenienses obrigaram os tassianos a destruir os seus muros, render os seus navios, pagar uma indenização e uma alta contribuição anual que era, em 449 a.C., de 21 talentos; e em 445 a.C., de 30 talentos. Na revolução oligárquica em Atenas de 411 a.C., Tassos se revoltou de Atenas, se aliou aos lacedemônios, e depois, em 407, expulsou os lacedemônios, e foram derrotados por Lisandro em 405 a.C.

No testemunho da obra *Epidemias,* o outono e o inverno eram amenos, mas a primavera do ano da epidemia foi marcada por ventos do norte. Um surto epidêmico de caxumba atingiu, então, a ilha de Tasos, com forte impacto entre a população.

Surpreendentemente, os tassianos não pediram ajuda médica, o que resultou em complicações relativamente graves, como orquite e meningoencefalite.

No relato hipocrático, a epidemia teria começado com a chegada do equinócio de outono, quando os ventos frios do norte se tornaram mais escassos e o tempo mudou com os ventos mais frios do sul. Um grande número de pacientes apareceu entre os cidadãos com glândulas parótidas inchadas, algumas unilateralmente, mas principalmente bilateralmente. O relato

indica que as pessoas acometidas da doença apresentavam ausência de febre ou febre leve, e elas não eram acometidas de fraqueza severa. A doença, após completar o seu ciclo, se resolvia sem maiores complicações.

Jovens e atletas de ginástica foram as primeiras vítimas, enquanto a incidência na população feminina foi extremamente menor. Tosse seca, sem expectoração e sem expectoração, voz rouca com febre esporádica, raramente acompanhada de hemorragia nasal leve, foram os primeiros sintomas. Mais tarde, a orquite, inflamação dos testículos, apareceu, novamente unilateral ou bilateral, com febre leve ou pesada.

A descrição dos inchaços é precisa: eles eram grandes, macios, extensos, sem inflamação e dor, e desapareciam depois de um tempo sem cicatrizes. Havia médicos locais, mas os habitantes de Tassos decidiram evitar os centros de saúde. Hipócrates afirmou que ninguém morreu da enfermidade no período do surto de caxumba.

Embora a descrição de Hipócrates seja o primeiro relato escrito conhecido a respeito da caxumba, a doença estava quase certamente presente no início do mundo clássico. A brandura da epidemia tassiana e seu foco principal nos adolescentes sugerem que, no final do século V a.C. a caxumba já existia há tempo suficiente para se tornar uma doença infantil menos virulenta.

Um aspecto importante do relato hipocrático é a indicação de que algumas doenças são seguidas de imunidade. O texto hipocrático usa o termo grego usa a palavra ἄνοσος [ánosos], formada a partir da palavra νόσος, que significa doença, e o alfa privativo como prefixo. Tal termo pode ser reconhecido como uma observação científica clássica (Epidemias 1.1.29). A palavra aqui utilizada parece ser alusiva não apenas aos pacientes não precisarem de assistência médica, mas à imunidade desses pacientes após caxumba. O termo é utilizado várias vezes no *Corpus Hippocraticum* (Preceitos 6.9-6.11; Epidemias 1.14.5; 2.8.3).

Tucídides, ao descrever a famosa praga de Atenas – hoje provavelmente identificada por exames de DNA como tifo exantemático transmitido pelo piolho, devido a *Rickettsia prowazekii* – também usava a palavra ἄνοσος para afirmar que a doença não ocorreria uma segunda vez no mesmo paciente (Tucídides 2.49.6 e 2.51.6).

Tem-se, portanto, na epidemia de Caxumba, as noções de:

- imunidade;
- grupos mais vulneráveis à enfermidade;
- negação da enfermidade ou da necessidade de busca de ajuda médica;
- vinculação da enfermidade com fatores ambientais;
- uma noção de contágio por meio da relação entre pessoas doentes e pessoas sãs;
- a ideia de que há fases na enfermidade;
- a descrição dos sintomas.

Referências Bibliográficas

DUNTAS,, Leonidas; GEROULANOS, Stefanos; LAURBERG, Peter. From Hippocrates of Kos to Hashimoto and thyroid autoimmunity: A long road of discovery. *Hormones* 12(1), 2013, p. 9-11.

HIPPOCRATES. *De morbis popularibus. Oeuvres complètes d'Hippocrate*. Paris: É. Littré, Baillière, , 1840, p. 598-604

KINSEY, D. R. Yesterday's plague, tomorrow's pandemic? A history of disease throughout the ages. Bloomington: Author House, 2011.

Epidemis_miolo.indd 78 23/09/20 15:57

Capítulo VI
A Peste de Roma (436-433 a.C.)

Tito Lívio, em *Ab Urbe Condita* ("Desde a fundação da cidade"), obra monumental dividida em 142 livros, apresenta uma perspectiva sobre as epidemias com particularidades em relação à tradição historiográfica. Nos 35 livros supérstites da obra, total ou parcialmente preservados, as epidemias são mencionadas breve e múltiplas vezes.

Em *Ab Urbe Condita* 2.34.5-6, Tito Lívio destaca a epidemia de 492-491 a.C., epidemia que aconteceu no âmbito da tentativa de Coriolano de usar um período de carência de grãos para anular os direitos conferidos aos plebeus. Lívio destaca a tentativa dos volcos de guerrear contra Roma, e afirma que eles foram impedidos por uma *pestilentia ingens* (uma peste de tamanho imoderado):

Lívio, Ab Urbe Condita 2.34.5-6	
[5] (...) **incommodo bello in tam artis commeatibus uexati forent, ni Uolscos iam mouentes arma pestilentia ingens inuasisset.**	[5] (…) **Em circunstâncias tão desesperadoras, teria sido desastroso para Roma ter de enfrentar os volscos que já se preparavam para a guerra, não fora um surto violento de peste que atingiu toda a população daquele país.**
[6] ea clade conterritis hostium animis, ut etiam ubi ea remisisset terrore aliquo tenerentur, et Uelitris auxere numerum colonorum Romani, et Norbam in montes nouam coloniam, quae arx in Pomptino esset, miserunt.	[6] Esse infortúnio abateu o ânimo do inimigo e levou os romanos, temerosos de que os volscos ao se recuperarem constituíssem nova ameaça, a aumentar o número de colonos de Velitras e a criar uma nova colônia em Norba, no alto das montanhas, para servir de fortaleza no Pontino.

O texto utiliza a expressão *pestilentia ingens*, que talvez seja alusiva à malária, uma vez que a disseminação dessa patologia nos pântanos pontinos é comumente associada à deterioração do sistema de drenagem durante as Guerras Púnicas, como é possível constatar em Plauto, *Curculio* 17; e Terêncio, *Hecyra* 357. A referência ao aumento da colônia em Velitras (*Velitris auxere numerum colonorum*) alude a Norba, colônia citada por Plínio (História Natural 3.68) e por Dionísio de Halicarnasso (5.61), sendo destruída por um incêndio criminoso durante a Guerra Civil registrado por Apiano, (*De bellis civilibus*, 1.94).

Em *Ab Urbe Condita* 3.6.4-6, Tito Lívio mostra que uma peste causou uma devastação na cidade, impedindo que os romanos ajudassem os latinos e hérnicos contra os invasores *Aequi* e *Uolsci*.

Lívio, Ab Urbe Condita 3.6.4-6	
[4] uix instantes sustinentibus clades repente legati Hernici nuntiant in agro suo Aequos Uolscosque coniunctis copiis castra posuisse, inde exercitu ingenti fines suos depopulari.	[4] Mal podiam os romanos suportar essa desgraça, quando emissários dos hérnicos vieram anunciar que équos e volscos reunidos tinham instalado acampamento em seu território e com um grande exército devastavam a região.
[5] **praeterquam quod infrequens senatus indicio erat sociis adflictam ciuitatem pestilentia esse, maestum etiam responsum tulere, ut per se ipsi Hernici cum Latinis res suas tutarentur; urbem Romanam subita deum ira morbo populari; si qua eius mali quies ueniat, ut anno ante, ut semper alias, sociis opem laturos.**	[5] **A pouca frequência às sessões do Senado foi suficiente para provar aos aliados que a cidade estava assolada pela peste. Receberam, então, a triste resposta de que Roma estava assolada por uma epidemia, motivada por repentina cólera dos deuses, e por esse motivo os próprios hérnicos, com o auxílio dos latinos, deveriam tentar a defesa de seu território. Se a epidemia cessasse, como no ano anterior, eles iriam em socorro de seus aliados, como sempre haviam feito.**
[6] discessere socii, pro tristi nuntio tristiorem domum referentes, quippe quibus per se sustinendum bellum erat quod uix Romanis fulti uiribus sustinuissent.	[6] Os emissários se retiraram levando a seu país uma notícia mais triste ainda do que a que haviam trazido. Só poderiam contar com seus próprios recursos para enfrentar uma guerra que, mesmo com o apoio das forças romanas, teriam dificuldades em sustentar.

A indicação de Tito Lívio de que os deuses enviaram a peste porque eles retiraram o seu favor de Roma ou estavam prestes a fazê-lo circunscreve a narrativa na intercessão comumente atestada na Antiguidade entre epidemia e religião. O contexto de guerra completa o quadro, sendo notável a observação de que os romanos poderiam deixar um aliado entregue à própria sorte em um caso excepcional de surto epidêmico. O texto destacado termina com a constatação que a guerra já estava perdida, e que ambas as forças ceifadoras de vidas estariam em operação: a doença e a guerra.

Em *Ab Urbe Condita* 3.9.6-12, Tito Lívio menciona uma peste ocorrida em 462 a.C. Um tribuno, Gaius Terentilius Harsa, propôs um projeto de lei para limitar o poder dos cônsules aproveitando a situação política desfavorável por causa da peste. Porém, Quintus Fabius, o prefeito da cidade, opôs-se veementemente à medida, que foi arquivada. Fabius foi cônsul entre 467 e 465 a.C., sendo sobrevivente do desastre em Cremera, citado por Tito Lívio em *Ab Urbe Condita* 3.1. A peste de 462 matou dois cônsules, o que enfraqueceu a possibilidade de defesa do regime consular. No texto, a peste, a guerra e a tentativa de golpe estão relacionados e destacados como parte de um mesmo quadro.

Lívio, Ab Urbe Condita 3.9.6-12	
[6] qua promulgata lege cum timerent patres ne absentibus consulibus iugum acciperent, senatus a praefecto urbis Q. Fabio uocatur, qui adeo atrociter in rogationem latoremque ipsum est inuectus ut nihil, si ambo consules infesti circumstarent tribunum, relictum minarum atque terroris sit:	[6] Ao ser apresentado o projeto de lei, os patrícios temeram que esse jugo lhes fosse imposto na ausência dos cônsules. Então Quinto Fábio, prefeito da cidade, reuniu o Senado e atacou o projeto e seu autor de modo tão violento que, mesmo se os dois cônsules tivessem desencadeado sua cólera contra o tribuno, nada teria sido mais ameaçador e mais amedrontador.

Lívio, Ab Urbe Condita 3.9.6-12	
[7] insidiatum eum et tempore capto adortum rem publicam. si quem similem eius priore anno inter morbum bellumque irati di tribunum dedissent, non potuisse sisti.	[7] Terentílio teria armado uma emboscada e desencadeado no momento exato um ataque brusco contra a república, Se os deuses irados tivessem enviado semelhante tribuno no ano anterior, durante a peste e a guerra, toda resistência teria sido impossível.
[8] mortuis duobus consulibus, iacente aegra ciuitate, in conluuione omnium rerum, ad tollendum rei publicae consulare imperium laturum leges fuisse, ducem Uolscis Aequisque ad oppugnandam urbem futurum.	**[8] Valendo-se da morte dos dois cônsules, da doença que devastava a cidade e da confusão geral, ele, com seu projeto de lei, teria eliminado da constituição o poder dos cônsules. Seria bem indicado a conduzir os volscos e os équos num assalto a Roma.**
[9] quid tandem? illi non licere, si quid consules superbe in aliquem ciuium aut crudeliter fecerint, diem dicere, accusare iis ipsis iudicibus quorum in aliquem saeuitum sit?	[9] Que pretendia afinal? Se os cônsules fossem culpados de abusar do poder ou agir com crueldade contra um simples cidadão, não tinha ele o direito de citá-los e de fazê-los julgar por essa mesma plebe à qual pertencesse a vítima?
[10] non illum consulare imperium sed tribuniciam potestatem inuisam intolerandamque facere; quam placatam reconciliatamque patribus de integro in antiqua redigi mala. neque illum se deprecari quo minus pergat ut coeperit.	[10] Não era a autoridade dos cônsules, mas o poder dos tribunos que assim ele tornava odioso e insuportável. Estes se mantinham tranquilos após o acordo com os patrícios, e eis que tudo voltava aos desajustes iniciais. Aliás, nem se lhe pedia que desistisse de levar avante seu empreendimento.

Lívio, Ab Urbe Condita 3.9.6-12	
[11] 'uos' inquit Fabius, 'ceteri tribuni, oramus, ut primum omnium cogitetis potestatem istam ad singulorum auxilium, non ad perniciem uniuersorum comparatam esse; tribunos plebis uos creatos, non hostes patribus.	[11] "Mas a vós, tribunos", disse Fábio, "suplicamos que vos lembreis, antes de tudo, de que vosso poder tem por objetivo a proteção dos indivíduos e não a ruína da comunidade. Fostes eleitos como tribunos da plebe, não como inimigos da nobreza.
[12] nobis miserum, inuidiosum uobis est, desertam rem publicam inuadi. non ius uestrum, sed inuidiam minueritis. agite cum collega ut rem integram in aduentum consulum differat. ne Aequi quidem ac Uolsci, morbo absumptis priore anno consulibus, crudeli superboque nobis bello institere.'	**[12] Este ataque contra a república indefesa é uma infelicidade para nós e uma desonra para vós. Podeis diminuir, senão vossos direitos, pelo menos vossa desonra. Convencei vosso colega a adiar qualquer solução até a chegada dos cônsules. Mesmo os équos e os volscos, quando a peste nos privou de nossos cônsules no ano passado, nos pouparam os horrores de uma guerra cruel.**"

O próximo texto de Tito Lívio (3.32.1-5) aborda o período entre 453 e 452 a.C. O texto relata a paz em Roma e no exterior, e as muitas mortes provocadas pela peste.

Públio Curiácio, listado como Decênviro em 451 a.C. (33.3), e Sexto Quintílio, enfrentaram uma *pestilentia*. A fome e peste que atingiu pessoas e rebanhos esvaziou a cidade de Roma. Morte e luto devastaram a cidade e o campo.

Lívio, Ab Urbe Condita 3.32.1-5a	
[1] ab externis bellis quietus annus fuit, quietior insequens P. Curiatio et Sex. Quinctilio consulibus, perpetuo silentio tribunorum, quod primo legatorum qui Athenas ierant legumque peregrinarum exspectatio praebuit,	[1] Naquele ano nenhuma guerra perturbou as relações externas. Mais tranquilo ainda correu o ano seguinte, no consulado de Públio Curiácio e Sexto Quintílio, em meio a um completo silêncio por parte dos tribunos. Isto se devia, em primeiro lugar, à expectativa que reinava em torno do regresso dos legados enviados a Atenas para trazer as leis estrangeiras e, depois,
[2] dein duo simul mala ingentia exorta, fames pestilentiaque, foeda homini, foeda pecori. uastati agri sunt, urbs adsiduis exhausta funeribus; multae et clarae lugubres domus.	[2] **a dois terríveis flagelos desencadeados simultaneamente – a fome e a peste – desgraça para os homens e para os rebanhos. Os campos foram devastados e Roma esvaziada pelas sucessivas mortes. Numerosas casas, entre as mais ilustres, ficaram enlutadas.**
[3] flamen Quirinalis Ser. Cornelius mortuus, augur C. Horatius Puluillus, in cuius locum C. Ueturium, eo cupidius quia damnatus a plebe erat, augures legere.	[3] Morreram o flâmine quirinal, Sérvio Cornélio, e o áugure Caio Horácio Pulvilo, que os áugures imediatamente substituíram por Caio Vetúrio, sobretudo por ter sido ele condenado pela plebe.

Lívio, Ab Urbe Condita 3.32.1-5a	
[4] mortuus consul Quinctilius, quattuor tribuni plebi. multiplici clade foedatus annus;	[4] Morreram também o cônsul Quintílio e quatro tribunos da plebe. A extensão da calamidade trouxe o luto naquele ano;
[5] ab hoste otium fuit.	[5] porém os inimigos permaneceram tranquilos.

Tito Lívio destaca que os conflitos bélicos não aconteceram até mesmo com a morte de autoridades romanas e com o enfraquecimento da possibilidade da cidade se defender. A ênfase de Tito Lívio ao *otium* (inatividade) dos inimigos de Roma parece se conectar à noção de que o perigo de contágio desestimula a guerra contra um povo contaminado. Ele alude à fome, problema econômico e alimentar contíguo à peste.

Ab Urbe Condita 4.9.1-3 também aborda os conflitos civis que eclodiram em Ardeia depois de uma dissensão por causa de um casamento entre uma nobre e um plebeu. Os nobres de Ardeia contaram com a ajuda dos romanos, e os plebeus convocam os Volsci. No julgamento de Lívio, o conflito entre facções durante as guerras intestinas é pior do que a guerra, fome, peste e demais flagelos.

Lívio, Ab Urbe Condita 4.9.1-3	
[1] dum haec Romae geruntur, legati ab Ardea ueniunt, pro ueterrima societate renouataque foedere recenti auxilium prope euersae urbi implorantes.	[1] Enquanto esses fatos se passavam em Roma, chegaram emissários de Ardeia implorando auxílio, em nome de uma antiga aliança renovada pelo recente tratado, para sua cidade quase destruída.

Lívio, Ab Urbe Condita 4.9.1-3	
[2] frui namque pace optimo consilio cum populo Romano seruata per intestina arma non licuit; **quorum causa atque initium traditur ex certamine factionum ortum,**	[2] Uma guerra civil impedia-os de usufruir a paz que haviam com tanto empenho conservado com o povo romano. **Diz-se que a causa e o início dessa guerra foram a disputa entre facções,**
[3] quae fuerunt eruntque pluribus populis exitio quam bella externa, quam fames morbiue quaeque alia in deum iras uelut ultima publicorum malorum uertunt.	**[3] que sempre foram e serão mais funestas do que as guerras no exterior, do que a fome ou a peste e os demais flagelos que recaem sobre um povo e o levam a atribuí-los à cólera dos deuses.**

Tito Lívio afirma que os flagelos, atribuídos à intervenção de deuses encolerizados, recaem sobre povos, sobre a coletividade, impedindo a paz. É importante notar, porém, que a *intestina arma* move os habitantes de Ardeia a solicitarem mediação, medida que não seria possível caso a pestilência fosse o problema vigente.

Ab Urbe Condita aborda, em 4.21, outro episódio de peste referente a 436-435 a.C. Os romanos saquearam o território veiense e falisco, mas retornaram por causa de uma peste em Roma. Os faliscanos aproveitam a praga para invadir o território romano, recebendo apoio de Veii. Um ditador foi, então, nomeado.

O recrudescimento da peste, somado aos acontecimentos fantásticos, prodígios e terremotos que faziam desabar as casas no campo levaram os duúnviros a realizar preces públicas. Os duúnviros, sacerdotes encarregados da realização de ritos sagrados, lideraram a recitação ou oração de súplica.

Lívio, Ab Urbe Condita 4.21.	
[1] M. Cornelio Maluginense L. Papirio Crasso consulibus exercitus in agrum Ueientem ac Faliscum ducti. praedae abactae hominum pecorumque;	[1] No consulado de Marco Cornélio Maluginense e de Lúcio Papírio Crasso, o exército romano invadiu os territórios dos veienses e dos faliscos, onde se apoderou de grande quantidade de presas entre homens e animais.
[2] hostis in agris nusquam inuentus neque pugnandi copia facta; urbes tamen non oppugnatae quia pestilentia populum inuasit.	[2] Como não encontrasse as tropas inimigas em parte alguma não houve oportunidade de luta. As cidades também não foram atacadas porque uma grande epidemia alastrou-se em Roma.
[3] et seditiones domi quaesitae sunt, nec motae tamen, ab Sp. Maelio tribuno plebis, qui fauore nominis moturum se aliquid ratus et Minucio diem dixerat et rogationem de publicandis bonis Seruili Ahalae tulerat,	[3] Houve uma tentativa de revolta provocada por Espúrio Mélio, tribuno da plebe. Julgando poder aproveitar-se de seu nome para sublevar o povo, citou Minúcia em juízo e propôs o confisco dos bens de Servílio Ahala.
[4] falsis criminibus a Minucio circumuentum Maelium arguens, Seruilio caedem ciuis indemnati obiciens; quae uaniora ad populum ipso auctore fuere.	[4] Incriminava Minúcia ter envolvido Mélio em falsas acusações e a Servílio censurava por ter executado um cidadão que não fora condenado.

Lívio, Ab Urbe Condita 4.21.	
[5] ceterum magis uis morbi ingrauescens curae erat terroresque ac prodigia, maxime quod crebris motibus terrae ruere in agris nuntiabantur tecta. obsecratio itaque a populo duumuiris praeeuntibus est facta.	**[5] Essas acusações não eram apoiadas pelo povo por causa do seu próprio autor. Além disso, todos estavam mais preocupados com a peste que recrudescia violentamente, com acontecimentos fantásticos, prodígios e, sobretudo, com tremores de terra que faziam desabar as casas no campo, segundo se anunciava. Diante desses acontecimentos, os duúnviros fizeram realizar preces públicas.**

Diante dos mortos por doença e demais catástrofes que fustigavam Roma, os duúnviros procuraram a principal causa da peste, e os oráculos de Apolo ofereceram uma solução. No âmbito dos propósitos da obra de Tito Lívio, o contato com um corpo cívico estranho (Etrúria, mundo helenístico *etc.*) cuja principal característica fosse a luxúria, por exemplo, seria compreendido como ocasião para a decadência de Roma e para o advento de pestilências. O dispositivo mais usado por Tito Lívio nesse contexto é a construção de uma série de analogias que envolvem os líderes responsáveis por determinar o destino de Roma, os *duces fatales*.

Os eventos epidêmicos em Tito Lívio costumam ter consequências econômicas, como a "*pestilentia, inopia frugum*" (com a peste, a falta de frutos), epidemia de 437 a.C. citada em *Ab Urbe Condita* 4.20.9. Eventualmente, a peste pode ter amplitu-

de entre o povo, caso seja uma doença com alto poder de contágio, como a peste de 436 a.C., mencionada em *Ab Urbe Condita* 4.21.4: "*quia pestilentia populum invasit*" (porque uma peste havia invadido o povo). A peste também pode ser duradoura e recorrente, como a peste de 436, que continuou em 435 a.C. (*Ad Urbe Condita* 4.21.14), conforme afirma Tito Lívio: "*pestilentior inde annus*" (pestilência no ano seguinte).

O relato sobre a peste, porém, que relaciona a epidemia à tentativa de adquirir alimentos, às questões políticas relacionadas às eleições e ao governo, à religião e à guerra está em Tito Lívio, *Ab Urbe Condita* 4.25.1-8, que aborda a peste de Roma em 433 a.C.

A peste de Roma de 433 a.C.

A peste que é colocada em destaque aqui ocorreu em 433 a.C., provavelmente no verão, e durou pelo menos até 432. Eis o texto:

Tito Lívio, Ab Urbe Condita 4.25.1-8	
[1] tribuni plebi adsiduis contentionibus prohibendo consularia comitia cum res prope ad interregnum perducta esset, euicere tandem ut tribuni militum consulari potestate crearentur.	[1] Os frequentes debates dos tribunos da plebe para impedir a eleição dos cônsules quase provocaram a nomeação de um inter-rei. Conseguiram, afinal, a eleição de tribunos militares com autoridade consular.
[2] uictoriae praemium quod petebatur ut plebeius crearetur nullum fuit: omnes patricii creati sunt, M. Fabius Uibulanus M. Folius L. Sergius Fidenas.	[2] Mas não alcançaram o prêmio que esperavam dessa vitória: a eleição de um plebeu para o cargo. Os eleitos foram os patrícios Marco Fábio Vibulano, Marco Fálio e Lúcio Sérgio Fidenate.

Tito Lívio, Ab Urbe Condita 4.25.1-8	
[3] **pestilentia eo anno aliarum rerum otium praebuit**. aedis Apollini pro ualetudine populi uota est. multa duumuiri ex libris placandae deum irae auertendaeque a populo pestis causa fecere;	[3] **Uma epidemia naquele ano impôs uma trégua a todos os debates**. Pela saúde do povo foi dedicado um templo a Apolo e os duúnviros realizaram, de acordo com os livros sacros, numerosas práticas para aplacar a cólera dos deuses e afastar o mal do povo.
[4] **magna tamen clades in urbe agrisque promiscua hominum pecorumque pernicie accepta. famem quoque ex pestilentia morbo implicitis cultoribus agrorum timentes in Etruriam Pomptinumque agrum et Cumas, postremo in Siciliam quoque frumenti causa misere.**	[4] **Apesar disso, a epidemia fez grandes devastações na cidade e no campo, nos homens e no gado. Receando-se que com a epidemia sobreviesse a fome, pois grande número de agricultores havia sucumbido ao mal, foi enviada uma missão ao território do Pontino, na Etrúria, a Cumas e à Sicília, para adquirir trigo.**
[5] consularium comitiorum nulla mentio habita est; tribuni militum consulari potestate omnes patricii creati sunt, L. Pinarius Mamercus L. Furius Medullinus Sp. Postumius Albus.	[5] Não houve menção alguma a eleições consulares. Foram novamente nomeados tribunos militares com autoridade consular, todos patrícios: Lúcio Pinário Mamercino, Lúcio Fúrio Medulino e Espúrio Postúmio Albo.
[6] eo anno uis morbi leuata neque a penuria frumenti, quia ante prouisum erat, periculum fuit.	[6] Naquele ano a violência do mal diminuiu e não houve perigo de carestia pelas providências tomadas para o abastecimento da cidade.

Tito Lívio, Ab Urbe Condita 4.25.1-8	
[7] consilia ad mouenda bella in Uolscorum Aequorumque conciliis et in Etruria ad fanum Uoltumnae agitata.	[7] Nas assembleias dos volscos e dos équos, no templo de Voltuna, na Etrúria, debateram-se projetos de guerra.

Tito Lívio, Ab Urbe Condita 4.25.8-14	
[8] ibi prolatae in annum res decretoque cautum ne quod ante concilium fieret, nequiquam Ueiente populo querente eandem qua Fidenae deletae sint imminere Ueiis fortunam.	[8] Mas a deliberação foi suspensa por um ano e foi decretado que nenhuma assembleia deveria se reunir antes desse período, embora os Veienses reclamassem – sem efeito – que Veii estivesse ameaçado com a mesma destruição que havia atingido os Fidenates.
[9] interim Romae principes plebis, iam diu nequiquam imminentes spei maioris honoris, dum foris otium esset, coetus indicere in domos tribunorum plebis;	[9] Enquanto isso, em Roma, os líderes das plebeus, que há muito tempo estavam em paz com outras nações, foram frustrados na esperança de obter maiores honras, começaram a marcar reuniões nas casas dos tribunos plebeus.
[10] ibi secreta consilia agitare; queri se a plebe adeo spretos, ut cum per tot annos tribuni militum consulari potestate creentur, nulli unquam plebeio ad eum honorem aditus fuerit.	[10] Lá eles consideraram seus planos em segredo; eles reclamaram que estavam sendo desprezados pela plebe que, embora tribunos militares com poderes consulares tivessem sido eleitos por tantos anos, nenhum plebeu jamais havia sido admitido naquele cargo.

Tito Lívio, Ab Urbe Condita 4.25.8-14	
[11] multum prouidisse suos maiores qui cauerint ne cui patricio plebeii magistratus paterent; aut patricios habendos fuisse tribunos plebi; adeo se suis etiam sordere nec a plebe minus quam a patribus contemni.	[11] Seus ancestrais haviam agido bem ao estabelecer que nenhum patrício deveria ser elegível para as magistraturas plebeias; caso contrário, teriam sido obrigados a ter patrícios como tribunos da plebe, tão desprezíveis que pareciam, mesmo para sua própria classe, sendo menos desprezados pela plebe do que pelos patrícios.
[12] alii purgare plebem, culpam in patres uertere: eorum ambitione artibusque fieri ut obsaeptum plebi sit ad honorem iter; si plebi respirare ab eorum mixtis precibus minisque liceat, memorem eam suorum inituram suffragia esse et parto auxilio imperium quoque adscituram.	[12] Outros desculpavam a plebe e jogavam a culpa nos patrícios que, com ardis e intrigas, encontravam o caminho para os altos cargos; se a plebe pudesse se livrar de suas promessas e ameaças, ela se lembraria dos seus na hora da eleição, e conquistaria também o poder supremo, como já conseguira o direito à apelação.
[13] placet tollendae ambitionis causa tribunos legem promulgare ne cui album in uestimentum addere petitionis causa liceret. parua nunc res et uix serio agenda uideri possit, quae tunc ingenti certamine patres ac plebem accendit.	[13] Para eliminar o aliciamento de votos, os tribunos deveriam propor uma lei que proibisse qualquer um de embranquecer sua toga, com o objetivo de se anunciar um candidato. Isso agora pode parecer uma coisa trivial e dificilmente deve ser considerada com seriedade, mas vez que acendeu uma luta furiosa entre os patrícios e a plebe.

Tito Lívio, Ab Urbe Condita 4.25.8-14	
[14] uicere tamen tribuni ut legem perferrent; apparebatque inritatis animis plebem ad suos studia inclinaturam. quae ne libera essent, senatus consultum factum est ut consularia comitia haberentur.	[14] No entanto, os tribunos prevaleceram e cumpriram sua lei; e ficou claro que os plebeus, em seu humor irritado, apoiaram os homens de sua própria ordem. Para que não tenham liberdade de fazê-lo, o senado decretou que os cônsules fossem eleitos.

A descrição da peste de 433-432 a.C. em Tito Lívio é rudimentar: ele menciona que as pessoas na cidade e no país foram afetadas, Destaca ainda que o gado também sofreu com a fome e com a peste. Por causa da aflição dos agricultores (e de seus animais), a fome era temida, o que tornou necessária a aquisição de grãos primeiro da Etrúria, do distrito Pontino; e depois de Cumas e, mais tarde, da Sicília. Uma década antes, os samnitas haviam assumido o controle da Campânia, uma importante área produtora de grãos, levando Cápua dos etruscos e Cumas dos gregos (*Ab Urbe Condita* 4.37 e 4.44). Os etruscos estavam consequentemente ansiosos por explorar a repulsa dos romanos em relação aos samnitas e não perder o mercado romano para a Sicília.

O texto também relata as medidas religiosas para enfrentar a epidemia. O oráculo de Apolo em Delfos, na Grécia, era famoso em todo o mundo mediterrâneo e há muito ele era consultado por não-gregos. O fato de os romanos consultarem o oráculo neste momento crítico é uma forte indicação da influência da religião grega nas práticas romanas, especialmente da adoção do culto de Apolo em 433 a.C. (*Ab Urbe Condita* 4.25 e 4.29).

Desde 436 a.C., quando pragas, sinais alarmantes, prodígios e terremotos frequentes foram relatados, o povo recorreu

aos duúnviros (4.21). Nessa ocasião, Lívio não menciona nenhuma consulta a livros proféticos. Em 433 a.C., porém, os livros foram consultados, um templo foi prometido a Apolo em favor da saúde das pessoas e animais, e "os duúnviros realizaram, de acordo com os livros sacros, numerosas práticas para aplacar a cólera dos deuses e afastar o mal do povo" (4.25).

O fato de Apolo já ser adorado em Roma é indicado por uma referência a uma reunião do senado em um santuário de Apolo em 449 a.C. (*Ab Urbe Condita* 3.63). O santuário ficava no Campo de Marte, fora do *pomerium*, já que Apolo era originalmente um deus grego. O recurso ao deus da cura dos gregos indicava a necessidade, em pestes recorrentes, de uma divindade cuja especialidade fosse a cura e o afastamento do mal representado pela epidemia.

Em um outro nível, as implicações da peste se articulam com a vida política da cidade. As assembleias foram suspensas por causa da peste (*prolatae in annum*). Em um tempo de peste, a descrição de uma lei contra o branqueamento de roupas para combater os abusos de poder. A demagogia política perdurou (e perdura) mesmo em tempos de peste.

Referências Bibliográficas

GAERTNER, J. F. "Livy's Camillus and the Political Discourse of the Late Republic." Journal of Roman Studies 98, 2008, p. 27-52.

GRUEN, E. S. Cultural and National Identity in Republican Rome. Ithaca, 1992.

JAEGER, M. Livy's Written Rome. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997.

LEVENE, D. S. Religion in Livy (Mnemosyne supplement CXXVII). Leiden: Brill, 1993.

MILES, G. B. Livy: Reconstructing Early Rome. Ithaca: Cornell University Press, 1995.

MITCHELL-BOYASK, R. Plague and the Athenian Imagination: Drama, History, and the Cult of Asclepius. Cambridge, 2008.

OAKLEY, S. P. 1998. A Commentary on Livy Books VI-X, vol. 2, books VII-VIII. Oxford.

STEELE, R. B. "The Pestilences Mentioned in Livy." Transactions and Proceedings of the Philological Association 33, 1902, p. LXIV–LXV.

WOODMAN, A. J. Rhetoric and Classical Historiography. London and Sydney: Routledge, 1988.